

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ANA CRISTINA SOARES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA NA CONTEMPORANEIDADE A
PARTIR DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL**

FLORIANÓPOLIS

2019

ANA CRISTINA SOARES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA NA CONTEMPORANEIDADE A
PARTIR DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Waldir José Rampinelli.

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SOARES, ANA CRISTINA
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA NA
CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE
LIBERTAÇÃO NACIONAL / ANA CRISTINA SOARES ; orientador,
WALDIR JOSÉ RAMPINELLI, 2019.
49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. EXERCITO ZAPATISTA. 3. IDENTIDADE. 4.
MÉXICO . 5. EZLN . I. RAMPINELLI, WALDIR JOSÉ . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezesseis dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezenove , às 09 horas e 00 minutos, NEHAL, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr: Waldir Rampinelli (Orientador(a) e Presidente); Prof. Dr: George Araújo (Titular); Osmar José Nenevê (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 88/HST/CFH/2019, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Ana Cristina Soares, intitulado: “ **A construção da identidade indígena na contemporaneidade a partir do Exército Zapatista de Libertação Nacional** ”. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, a Acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr: Waldir Rampinelli, nota 8.0, Prof. Dr: George Araújo, nota 8.0, Osmar José Nenevê, nota 8.0, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 8.0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 21 de agosto de 2019. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 16 de agosto de 2019

Prof. Dr: Waldir Rampinelli (Orientador(a))

Prof. Dr: George Araújo (Titular)

Osmar José Nenevê (Suplente)

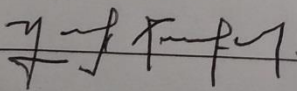
Ana Cristina Soares (Acadêmica)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) André Estêvão Soares, matricula nº 24204065, entregou a versão final de seu TCC cujo título é A construção do UdeNúcleo em um ângulo na contemporaneidade e parte do processo histórico de construção nacional com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 21 de Agosto de 2018.


Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

A vida muitas vezes nos coloca em testes, em vários momentos de alegrias e de tristezas, e são nesses momentos que começamos a analisar todas as pessoas a nossa volta. Escrever um Trabalho de Conclusão de Curso é algo desafiador e que nos coloca em questionamentos e surgem vários sentimentos; alegrias, tristezas, desespero, medo, desistência e por fim quando concluído o sentimento do dever cumprido. Quando olho para trás e analiso toda a minha trajetória acadêmica, penso que poderia agradecer diversas pessoas, mas por fim decido agradecer as pessoas extremamente relevantes e que sempre estiveram ao meu lado.

Primeiramente agradeço aos meus pais, pessoas incríveis e que sempre buscaram me educar da melhor maneira possível, que durante a graduação não mediram esforços e me ajudaram em todas as situações, permitindo com que eu concluísse mais uma etapa da minha vida com a melhor base de amor possível.

Aos meus irmãos, Giane, Herison, Marjori e Jadir Filho, sem vocês essa jornada seria muito mais difícil, nossa união e amor são sentimentos que nos impulsionam para frente e nos fazem querer ser melhor sempre.

À minha irmã, Giane, meus agradecimentos mais sinceros, você é responsável por todas as conquistas acadêmicas, sem você não conseguiria enxergar a luz que precisava para concluir esse momento. Que eu consiga me tornar uma profissional próxima ao que você é.

Aos meus sobrinhos, Fernando, Gustavo, Maria Helena e Alice. Aos meus queridos cunhados, Jefferson e Fernando, pessoas com uma inteligência incrível e que me ensinaram diariamente. As minhas cunhadas, Mainara e Jully, cunhadas e amigas que estiveram sempre presentes.

Aos meus amigos; Rogério, José Luiz, Vanessa e Rita, Sandra, Paulo, Thiago, Tailaine, Guilherme Frederico, Clarissa, Gabriel Castro, cada um com sua particularidade e que fizeram parte desta jornada incrível.

Ao meu amigo de curso, Osmar. Eu não conseguiria encontrar palavras o suficiente para agradecer por todo o carinho, paciência e apoio durante a faculdade. Obrigada por compartilhar ensinamentos e conselhos, sou eternamente grata à você.

Agradeço imensamente a Sidemar, Felipe, Edésio e Maria Aparecida, amigos que conquistei durante a minha segunda jornada profissional, pessoas que sempre me incentivaram a concluir este trabalho da forma mais linda e verdadeira.

Ao meu orientador, Waldir Rampinelli, todo o meu reconhecimento e admiração por esse profissional incrível e qualificado, responsável pela minha paixão ao EZLN e por toda a história do México. Ao senhor todo o meu carinho e respeito, agradeço imensamente pela paciência durante o processo deste trabalho, tendo desistido algumas vezes devido a problemas pessoais, mas que sempre esteve disposto a me ouvir.

Aos meus professores minha eterna gratidão pelos ensinamentos. Não é fácil ser professor@ de História no país em que vivemos, mas vocês me mostraram que quando existe amor pela profissão tudo é possível. Obrigada por acreditarem não só em mim, mas em todos os meus colegas que estiveram presentes durante o curso. Manteremos a História viva!

E por fim dedico inteiramente este trabalho aos indígenas! Homens, mulheres e crianças... Dedico aos povos originários mexicanos, seres humanos que sofreram, lutaram e nunca desistiram de ser o que são. Povos que continuam a lutar dia após dia pelos seus direitos e que não silenciam suas vozes. Continuaremos a gritar: YA BASTA!

RESUMO

O Exército Zapatista de Libertação Nacional se constituiu através de perseguições decorrentes do processo de conquista e colonização, independência, revolução mexicana, entre outros momentos decorrentes ao desenvolvimento do México. Adentrando a contemporaneidade os indígenas mexicanos enfrentam os desgastes causados pelo governo e a globalização neoliberal. O México contemporâneo abriu portas ao primeiro mundo após assinar com o Tratado de Livre Comércio em 1º de janeiro de 1994. Os indígenas se encontravam em uma situação miserável e sem qualquer inclusão nas decisões do estado, portanto esses povos ainda viviam no reflexo do *silenciamento* indígena colonial. Foi em 1994 que a luta pela construção da identidade indígena é consolidada através da Declaração da Selva Lacandona, onde o Exército Zapatista apresenta não somente ao México, mas ao mundo, a realidade indígena contemporânea.

Palavras-chave: Exército Zapatista de Libertação Nacional. Identidade indígena. Contemporaneidade.

RESUMEN

El Ejército Zapatista de Liberación Nacional se constituyó a través de persecuciones resultantes del proceso de conquista y colonización, independencia, revolución mexicana, entre otros momentos derivados del desarrollo de México. Al entrar en los tiempos contemporáneos, los indios mexicanos enfrentan el daño causado por el gobierno y la globalización neoliberal. El México contemporáneo ingresó al primer mundo después de firmar el Tratado de Libre Comercio el 1 de enero de 1994. Los indios se encontraban en una situación miserable y sin ninguna inclusión en las decisiones estatales, por lo que estos pueblos aún vivían en el reflejo del silenciamiento indígena colonial. Fue en 1994 que la lucha por la construcción de la identidad indígena se consolida a través de la Declaración de la Selva Lacandona, donde el Ejército Zapatista presenta no solo a México, sino al mundo, la realidad indígena contemporánea.

Palabras clave: Ejército Zapatista de Liberación Nacional. Identidad indígena Contemporaneidad

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I. O CONTEXTO HISTÓRICO CONCISO DAS LUTAS INDÍGENAS NO MÉXICO	12
II. A LUTA ZAPATISTA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
ANEXO	42

INTRODUÇÃO

O tema a ser apresentado foi escolhido a partir de um trabalho realizado para a disciplina de História da América Independente ministrada pelo orientador deste trabalho Prof. Dr. Waldir Rampinelli na quarta fase do curso de História na Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho mencionado tinha como principal objetivo escolher um período da história da América Latina e ministrar uma aula de quarenta e cinco minutos para alunos do ensino médio. Em conversa constante com meu colega de trabalho, Matheus Machado, optamos por trabalhar com o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e questionar sua representatividade nas lutas indígenas do México.

No decorrer do curso continuei a realizar pesquisas zapatistas para outras disciplinas, surgindo em determinado momento questionamentos que resultam na problemática deste trabalho: Como o EZLN influenciou na construção da identidade indígena na contemporaneidade? E quais foram às práticas estabelecidas por esse levante indígena para representar uma mudança considerável no México contemporâneo?

Buscando responder a esses questionamentos, no primeiro capítulo titulado “*O contexto histórico conciso das lutas indígenas no México*”, apresento uma breve análise das lutas dos povos originários durante a conquista e posteriormente a colonização, Guerra da Independência (1810-1821) e a Revolução Mexicana (1910). O objetivo é compreender as perseguições sofridas pelos indígenas e as lutas estabelecidas por esses povos com o intuito de defesa de seus direitos e do *silenciamento* de sua identidade.

Surgem na América Latina diversos conquistadores que ocupam territórios e dominam povoados indígenas com o intuito de consolidar uma nova política e economia. Neste trabalho à figura de Hernan Cortez torna-se essencial para compreender as primeiras relações entre indígenas e espanhóis.

Falsas alianças e promessas fazem parte do processo de conquista, em decorrência as práticas de Cortez esses povos vivenciam queda de seus templos, a proibição de sua língua, crenças e costumes, deparando-se ao Novo Mundo europeu instituído.

Decorrente as mudanças políticas e econômicas que desenvolvem o México ao colonialismo, os indígenas passam a viver sob condições mínimas de vida. Os espanhóis encontram na mão-de-obra uma forma de desenvolvimento econômico interno e externo, não dando relevância as condições em que esses povos se encontram. Desse modo os indígenas realizam revoltas e ataques contra *las haciendas*¹, dando início a guerrilhas que tem como demanda na melhoria de suas condições de vida e de sua inclusão social.

As relações sociais atreladas com a má administração econômica e política dos espanhóis durante o desenvolvimento do capitalismo reforça a necessidade do país em tornar-se independente. É de 1810 a 1821 que o México passa por transformações de extrema relevância para os indígenas e colonos, pois surgem novas relações entre membros da sociedade, alguns padres passam a lutar pelas causas indigenistas a fim de devolução de suas terras *comunais*² e nos direitos desses povos a uma vida mais integrada e de qualidade.

O progresso do México durante a sua independência causa modificações no cenário político e coloca o Estado sob o domínio de um governo ditatorial que tem como base o desenvolvimento do capitalismo atrelado aos interesses da burguesia. Os indígenas novamente são inferiorizados e situados ao esquecimento do Estado e da sociedade burguesa. As relações de interesses dos latifundiários e do governo resultam no silenciamento dos direitos indígenas, e no surgimento de um movimento indígena liderado por uma das figuras mais importantes da história do país, Emiliano Zapata.

Zapata surge ao sul do México como um importante líder para a reivindicação dos direitos indígenas e a partir da criação de bandos guerrilheiros tornou-se general do *Ejército Libertador del Sur*, partindo Cidade do México com demandas que eram atribuídas a uma vida justa aos indígenas locais.

O movimento indígena não só representava uma modificação social, como uma modificação política caso não fossem cumpridas as promessas apresentadas pelo governo em prol das classes pobres.

A figura de Zapata representa vozes exaustadas pelas perseguições e descasos do Estado, a representatividade e as lutas desse movimento criado na

¹ Hacienda é uma palavra de origem espanhola dada a uma determinada propriedade, geralmente um vasto rancho. Algumas haciendas eram plantações, minas ou fabricas, as suas produções era destinada ao consumo regional e intercolonial.

² Pedacos de terras ocupadas por indígenas e colonos usadas para cultivo.

ideia de sociedade no coletivo, ultrapassa anos e mais anos da história do país refletindo no tempo presente.

No segundo capítulo as ideias e vozes de tantos indígenas e de tantas figuras importantes como Emiliano Zapata e Pancho Villa são consolidadas e ecoadas ao mundo. Titled *“A luta zapatista na construção da identidade indígena contemporânea”*, o capítulo aborda o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional como um movimento guerrilheiro armado que surge nas montanhas de Chiapas com o ideal de sociedade justa e democrática.

Esse movimento armado caminha de encontro do presidente eleito com o objetivo de lutar em prol de trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. A luta zapatista resulta em doze dias de confronto com as forças armadas ocasionando na morte de diversos indígenas que abrem portas para uma nova forma de se fazer guerrilhas.

Com a modernidade e as modificações sociais, políticas, econômicas e principalmente eletrônicas, o EZLN surge com novas estratégias que fazem com que suas lutas representem não somente os indígenas locais, mas vozes de outros movimentos latinos para continuarem a caminhada contra os governos consolidados.

I. O CONTEXTO HISTÓRICO CONCISO DAS LUTAS INDÍGENAS NO MÉXICO

Para analisar o processo da construção da identidade indígena na contemporaneidade através do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), é necessário elencar alguns períodos da História do México. A conquista do México, e posteriormente a colonização, a Guerra da Independência (1810-1821), e a Revolução Mexicana (1910), são alguns dos momentos na história do país que levaram os indígenas a lutarem pelos seus direitos.

A chegada dos espanhóis ao continente americano foi marcada pela experiência do contato entre diferentes culturas. A conquista do México é o marco inicial desta experiência, pois é neste momento que espanhóis e indígenas tiveram as primeiras relações. Diversos conquistadores tiveram sua importância neste processo, entre eles destaque neste trabalho a figura de Hernan Cortez, um jovem conquistador que através de suas expedições criou diversas definições como de um homem polêmico, valente, cruel, bondoso, nobre e traidor.

Cortez nasceu em Medellín em 1485, estudante de Direito na Universidade de Salamanca, o jovem espanhol não demonstrou interesses aos estudos e durante o curto tempo acabou por abandoná-lo. Seus interesses pessoais e sua aptidão o encaminharam à carreira militar, uma escolha importante e que resultou nas futuras expedições do jovem. Aos 19 anos, embarcou como escrivão em uma nau de Alonso Quintero, de Palos de Moguer, e chegou às Índias Ocidentais.³ Sob o comando de Diego Velázquez de Cuéllar, fez parte da conquista de Cuba, mas em 1521 nomeado como capitão da expedição que ele parte para conhecer as terras mexicanas.

É neste momento que começam as relações entre os mexicanos e espanhóis. Com a finalidade de repassar a Coroa Espanhola o que acontecia nas terras recém-conquistadas, Cortez escreve as chamadas *Cartas de Relatos de Hernan Cortez*. A primeira carta escrita não foi encontrada, mas foi substituída pelo relato enviado ao imperador pela Justiça e Regimento da Vila Rica.

Para analisar os escritos dos conquistadores, entender as representações que sobre eles foram construídas e a posterior confecção de suas perspectivas memórias históricas, não se trata apenas de entender a

³ Ver em: CORTEZ, Hernan. *A conquista do México*. Traduzido por Jurandir Soares dos Santos. 1986. L&P/História. p.11.

história como verdade absoluta ou pensar o documento como janela aberta para a compreensão do passado, mas sim de ver e entender a história como texto e construção de sentido, pois “qualquer história é sempre a história de alguém, contada por alguém, a partir de um ponto de vista parcial”. (MORAIS. 2011. p.1)

As crônicas de Cortez podem e devem ser questionadas pela veracidade, uma vez que elas são escritas a partir de um ponto de vista particular. Assim, diários, crônicas e as memórias a respeito das guerras e dos conflitos da América, envolvendo espanhóis e índios, se transformarão, ao longo dos séculos, nas versões oficiais a respeito dos fatos (MORAIS 2011 pg. 4). Dessa forma cabe ao historiador questionar as fontes oficiais, e constatar fontes que relatam a história vista pela minoria subjugada.

O conceito de “conquistador” de acordo com Dussel (1993, p. 43) é definido como homem moderno, que impõe sua “individualidade” violenta a outros povos. O primeiro contato entre europeus e mexicas, segundo Cortez, foi de forma amistosa. Apesar da insegurança dos indígenas em relação aos recém-chegados, o conquistador buscou esclarecer através de intérpretes que não pretendia fazer mal algum, e que estavam em suas terras para atraí-los a santa fé católica e para que acima de tudo respondessem a coroa espanhola como fazem os indígenas que já estavam sob domínio dos espanhóis em outros territórios do novo continente.

Destaco que o processo de conquista está alinhado a diversos fatores, porém neste trabalho e especificamente neste processo da história do México, o cristianismo é apresentado como forma de silenciar a identidade dos indígenas mexicanos. A primeira carta de Cortez estabelece a necessidade de se impor uma nova religião a esses povos que para ele se demonstravam bárbaros devido a práticas que realizavam em nome de suas crenças.

Todavia, praticam uma outra coisa horrível e abominável, digna de ser punida, jamais vista em qualquer outra parte e que é a seguinte: toda vez que pedem a seus ídolos alguma coisa que muito desejam, tomam meninos e meninas, ou ate mesmo adultos, colocam diante destes ídolo e abrem seus peitos, arrancando o coração e queimando-o em oferenda. Alguns dos nossos que viram isto disseram que é a coisa mais horripilante de ser ver. Estes índios realizam estas oferendas com frequência, não havendo ano em que não matem pelo menos cinquentas pessoas nessas circunstâncias. [...] Vejam vossas altezas reais que se deve evitar tão grande mal e que Deus Nosso Senhor será servido pela mão de vossas majestades se estas pessoas forem instruídas e introduzidas em nossa santa fé católica. É certo que se servissem a Deus com tanta fé e dedicação, muitos milagres obteriam e é certo também que esta gente veria mais facilmente o

verdadeiro caminho da fé porque vivem politicamente melhor que qualquer outra gente que por estas partes temos visto. (CORTEZ. 1986. p. 25)

Civilizar os indígenas com costumes e práticas religiosas espanholas, não os colocavam como iguais perante os espanhóis, ainda assim era necessário que existisse uma superioridade. Os nativos acreditavam que ao aceitarem a catequização e seus costumes estariam adentrando a civilização espanhola, dando uma falsa impressão de inclusão nas decisões sociais e políticas do poder constituído. Mas para Cortez era necessário que ocorresse uma boa relação entre ambos para que servissem a Coroa sem muitos questionamentos e afrontamentos devido as suas práticas de expansão territoriais. Segundo Batalla;

La occidentalización del indio, sin embargo, resultaba contradictoria con la terca y primordial necesidad de mantener una clara distinción entre los colonizados (los indios) y los colonizadores europeos, porque si los indios hubiesen dejado de serlo por incorporarse plenamente a civilización occidental, habría dejado de existir la justificación ideológica de la dominación colonial. (BATALLA. 1987. p.103)⁴

Mas não demorou muito tempo para que os espanhóis criassem condições necessárias para justificar uma guerra justa. (MORAIS. 2011. p.4) Ao obter conhecimento sobre a existência do imperador Montezuma, Cortez escreve a Carlos V que este disposto a viajar até o encontro do jovem imperador asteca para dominar Tenochtitlán em nome da Coroa.

Durante a expedição Cortez deparou-se com os povos indígenas divididos em relação ao império asteca, alguns povoados eram a favor e outros contrários a Montezuma. Aos que se viam divergente Cortez firmou alianças que facilitaram o seu contingente de avanço a cidade central, aos defensores do imperador asteca travaram guerras intensas que colocaram os indígenas em uma situação de desvantagem frente à força bélica dos soldados espanhóis. As armas de fogo, espadas e os cavalos eram desconhecidos pelos astecas, desse modo aldeias eram massacradas com facilidade. Nos relatos de Cortez é possível perceber que os conflitos internos dos povos indígenas resultavam na facilidade de dominação.

⁴ Todas as citações estrangeiras aparecerão em língua original (espanhol castelhano) neste trabalho.

Cortez portava-se superior nas relações com mexicas independente de aliados ou não, se ocorresse à necessidade de massacre o fazia de forma indiferente a fim de estabelecer o domínio.

Entretanto, nem todas as alianças eram mantidas: em Cholula, os indígenas decidiram romper aliança com os espanhóis e foram duramente castigados. As atrocidades cometidas com os índios do local foram justificadas pela “traição”, já que “tramavam guerra aos espanhóis”. O cenário de destruição e genocídio é comum na narrativa, justificado pela religião católica como “Guerra Justa”, travada em nome de Deus e em defesa da fé cristã. (INFANTE. 2018. p.11)

Outro aspecto preponderante para compreender as práticas que resultam no silenciamento da identidade indígena, é o domínio por parte dos espanhóis da língua nativa. O domínio facilitou a comunicação para compreender a estrutura societária dos astecas, mas não estavam ligados nas relações interpessoais, Silva afirma que:

Aquele que tem a palavra é sempre o chefe, o detentor do poder entre a sociedade. A própria designação do chefe de estado, tiatoani, significa 'aquele que possui a palavra'. A palavra é, portanto, um instrumento de poder que, apesar de enfatizar a comunicação com a natureza, possibilitava a manutenção da ordem e da hierarquia social. (SILVA. 2014. p.20)

Durante o avanço da expedição e o domínio dos povoados os espanhóis impõem a sua soberania e com ela estabelecem sua cultura e religião nos territórios ocupados, realizando assim a destruição dos templos astecas e edificando igrejas.

Com a chegada a cidade de Tenochtitlán durante o combate travado entre Cortez e Montezuma, o jovem imperador é morto. Com o resultado da batalha os templos dos indígenas são completamente destruídos e a cidade é restruturada ao Novo Mundo, resultando dessa maneira no silenciamento de suas práticas ritualísticas, e interferindo diretamente em seu modo de vida e nas suas condições;

Após toda a destruição de seus territórios, saqueamento de terras, incertezas sobre as alianças com os espanhóis, estupro de mulheres e milhares de mortes, os indígenas se veem derrotados e colocados em um cenário novo e incomum. Impedidos de seguirem suas tradições, rituais, e tendo que forçosamente mudar sua relação sagrada com a terra, com a agricultura e com o milho, como denota a tradição mesoamericana de milênios: uma nova forma de vida se impõe sobre os mesmos. [...] Chegava ao fim uma era em que os indígenas possuíam liberdade para exercer sua cultura e forma de vida. (INFANTE. 2018. p.12)

Após a dominação de Tenochtitlán e de sua reestruturação os espanhóis reuniram todas as riquezas acumuladas e fundaram uma nova cidade com igrejas, hospitais e mosteiros. Conseqüentemente ao novo sistema econômico, social e político, os indígenas adentravam ao período colonial que sucedeu a um novo momento na história do país e de suas condições sociais.

Com a ascensão do colonialismo e o desenvolvimento do capitalismo, o México deparou-se com uma mudança radical em seu mercado interno. De acordo com Villoro;

La segunda mitad del siglo XVIII fue la época de oro de la sociedad colonial; fue también cuando se delineó con caracteres más precisos su estructura de dependencia. El fundamento económico de la colonia era el sector que exportaba a la metrópoli. A sostenerlo y reforzalo se dirigía a política de la Corona. (VILLORO. 2000.p 491)

É importante destacar que o sistema econômico exportador de minério alavancou o crescimento do México, de acordo com Villoro (2000. p.491) “*en la segunda mitad del siglo XVIII, sobre todo a partir de 1770, la minería alcanzó un auge extraordinario*⁵”, esse crescimento aumentou não somente a credibilidade econômica com os outros países, mas no aumento da distribuição de riquezas concentradas em famílias e comerciantes da elite local gerando assim uma brutal discriminação contra crioulos e aborígenes.

Um fator relevante para compreender o crescimento econômico e as relações com os indígenas é o crescimento da demanda interna dos produtos agrícolas e pecuários que originou no surgimento *las haciendas*. Terras que eram ocupadas muitas vezes por indígenas que pela falta de condição de se auto sustentar começam a oferecer seus serviços em troca de salários, porém as condições de vida desses povos eram compostas por violações de direitos e excesso de cobranças de alta tributação dos produtos adquiridos.

⁵ De acordo com Villoro: Entre 1740 y 1803 se triplicó la cantidad de oro y de plata extraída. El crecimiento mayor se registró em los últimos treinta años del siglo, cuando la producción anual de plata pasó de 12 a 18 000 000 de pesos. A principios del XIX el valor de la producción minera alcanzaba, según distintos cálculos, de 23 a 28 millones, una cantidad casi equivalente al valor de toda la producción agrícola y ganadera. Al enorme crecimiento de la minería correspondió también la bonanza de las casas comerciales que manejaban el comercio exterior.

Os indígenas insatisfeitos com os abusos sofridos através de sua mão de obra, com o pagamento excessivo de tributos e com a alta exploração, se organizam em diversos momentos para realizarem revoltas e ataques às fazendas. Infante destaca uma das revoltas realizadas;

Após terem suas queixas ignoradas e sofrerem açoites e castigos intensos por parte das autoridades, mais de 6 mil indígenas se organizaram, e armados decidiram colocar fogo na fazenda do alcade Don Juan de Avellán e matá-lo. O episódio, narrado em cartas pelos religiosos da região, evidencia que os indígenas já haviam protestado contra os abusos do alcade, e não obtendo respostas positivas, mas castigos e açoites em praça pública, decidiram rebelar-se. Após assassinar o governador correram pelas ruas armados e tocando tambores, deixando claro que não tolerariam mais autoritarismos. (INFANTE. 2018. p.14)

Com as lutas dos indígenas tomando maiores proporções, atrelados com os fatores externos, a Coroa careceu de uma política que colocasse a economia do país nos eixos. Desse modo surgem as Reformas Borbônicas⁶. Esse novo sistema estava destinado a estabelecer uma nova forma econômica projetada aos interesses de limitar o poder dos crioulos e restabelecer a supremacia espanhola. De acordo com Batalla:

Las reformas borbônicas sujetaron más la Nueva España, la hicieron más colonia. El visitador Gálvez, enviado por la Corona para ponerlas en marcha, apretó las tuercas y afectó los intereses de los criollos en todo los terrenos; más peninsulares en los puestos de mando, adiós a los privilegios del consulado de comerciantes, fuera las alcaldías mayores que tantas ganancias deban a quienes las compraban, orden en las cuentas y más remesas de dinero a España, porque el rey está en guerra. Buen caldo de cultivo para que crecieran las aspiraciones nacionales de los criollos. (BATALLA. 1987 p.146).

O país estava cada vez mais abalado com os problemas internos, a distribuição desigual de riqueza, a crise financeira devido às altas cargas tributárias, a tributação doméstica, comércio limitado, o enfraquecimento de credibilidade com a coroa, e em consequência aos fatores externos como a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e a invasão francesa na Espanha encaminhavam o país cada vez mais para a necessidade de sua independência.

⁶ Medidas administrativas e econômicas que tinham como objetivo reformar o sistema colonial espanhol, fortalecendo o poder da Espanha como estado europeu nos vastos domínios nas Américas. Algumas medidas tomadas por esse projeto “recolonizador”; intervenção da metrópole nos assuntos coloniais, aumento de impostos, criação do Vice-Reino do Prata, ampliação das forças militares. Esse novo sistema enfraquecia o poder dos crioulos economicamente, mas abria caminho ao poder das elites locais.

Os indígenas locais estavam a viver sob uma condição de vida abominável, suas terras estavam ocupadas para o desenvolvimento econômico, os alimentos eram escassos, os horários de trabalhos massacrantes. O cenário de horror vivenciado por esses povos os faziam entrar em conflito contra os espanhóis em maiores proporções, no decorrer das batalhas realizadas pelos indígenas surgem às relações entre indígenas e padres.

Surge no cenário inicial Padre Miguel Hidalgo y Costilla, um religioso liberal que conspira contra o vice-rei, e vê na luta pela Independência uma chance de mudar de vida e regressar às raízes do México profundo (INFANTE. 2018. p.15). Hidalgo luta ao lado dos indígenas a fim da devolução das terras comunais, no transcorrer das lutas e das demandas estabelecidas por ele, o decreto que favorecia o retorno das terras é assinado, o que resultou na continuidade das lutas em favorecimento dos direitos indígenas. Hidalgo passou a ser perseguido fortemente pelas tropas, em 1811 é fuzilado e sua cabeça exposta em praça pública com o objetivo de amedrontar os seus apoiadores.

Após a morte de Hidalgo, diversos padres continuaram a lutar pelos direitos indígenas, surgindo em 1813 à figura de José Maria Morelos, frente ao movimento de rebelião contra a Espanha, em 1813 assinou o primeiro decreto de Independência. Diferentemente do modo como Hidalgo realizava as suas ações, Morelos era mais estrategista e armava suas guerrilhas com mais aptidão, não somente lutando a favor das condições indigenistas como também promovendo a intolerância para as religiões não católicas. Olivato enfatiza:

No dia 14 de setembro de 1813, Morelos apresentou na abertura do Congresso de Chilpancingo seu texto *Sentimientos de la Nación* que sintetizava seu ideário político. Começava afirmando que “a América é livre e independente da Espanha e de qualquer outra nação”, e que “a soberania emana imediatamente do povo e é depositada em seus representantes” O Congresso publicou no dia 6 de dezembro a declaração da independência e Morelos foi nomeado para o poder executivo intitulado de “servo da nação”. (OLIVATO. 2011. p.34)

As relações entre indígenas e padres durante o processo de Independência não atribuía a religião como igualitária, os padres continuava a determinar superioridade da fé cristã, mas acreditavam que ao existir uma intolerância as relações sociais tornar-se-iam melhores.

Em 1815 na localidade de San Cristóbal, Morelos é fuzilado pelas tropas espanholas, após sua morte as transformações da independência do México tomam caminhos dispersos, Infante destaca:

O movimento popular perde a força e os criollos desenvolvem uma dinâmica que começa a ter sucesso na independência; consegue-se, então, que o México torne-se independente nas mãos da classe dominante. Para os indígenas a independência significou um breve momento em que recuperam suas terras, mas que logo em seguida a perdem novamente e passam a ser explorados pelos “patrões” mais de perto, pois estes passam da Europa para o México. (INFANTE 2018. p.15)

No decorrer da consolidação do processo de Independência, o México passava por diferentes modificações políticas, as lutas entre conservadores e liberais encaminhavam o país a mais um dos grandes momentos de sua história, a Revolução Mexicana. Os dois grupos a brigarem pelo poder são os liberais, grupo com apoio dos Estados Unidos e com o ideal de República Federativa, e os conservadores, que representavam a classe apoiadora dos latifundiários e com o ideal de regime monárquico apoiavam a Igreja Católica e defendiam seus privilégios. Após uma acalorada disputa os conservadores perdem e assistem subir no poder o liberal Benito Juárez.

Com o crescimento do capitalismo e a abertura de novas políticas internas e alianças com os países externos, o México independente se encontra na mão de grandes latifundiários e famílias burguesas. O poder do Estado oligárquico sustentava as entradas de capitais externos através do desenvolvimento das ferrovias e da comunicação ocasionando no processo de urbanização. (RAMPINELLI. 2011. p.92)

A figura do ditador Porfírio Diaz é essencial para o desenvolvimento da economia e da modernização do México. Contudo como característica esmagadora do sistema capitalista que beneficiaria a classe burguesa, os resultados não poderiam ser diferentes para as classes mais pobres, a eliminação das terras comunitárias de origem indígenas foram um dos pontos primordiais desse avanço. A exploração dos camponeses e indígenas da região resulta na necessidade de se estabelecer novos movimentos para a melhoria de suas condições salarias e laborais, mas como forma de reprimir suas exigências o exército oligárquico travava lutas internas a fim de silenciar suas exigências. Rampinelli evidencia:

A repressão à greve dos trabalhadores de Cananea (México-1906), à dos mineiros de Iquique(Chile-1907), à dos operários de Río Blanco (México-1907), à dos ferroviários de São Luís Potosí (México- 1907) e à dos camponeses bananeiros de Tegucigalpa (Honduras-1954) configura apenas alguns dos exemplos mais conhecidos de verdadeiros massacres – cidades essas doloridas até hoje, já que foram “alisadas pelo silêncio e pela morte”, nas palavras de Julio Cortázar. (RAMPINELLI. 2011. p.93)

O progresso do governo Diaz sucedeu em inúmeros descontentamentos do Partido Liberal Mexicano juntamente com operários e camponeses. Com interesse no desenvolvimento econômico do país, alinhado aos interesses pessoais, Francisco I. Madero organiza uma luta armada que buscava uma revolução política, e não social (INFANTE. 2018. p.20).

Com o lema “Sufrágio efetivo, reeleição não!” o seu objetivo se fazia em mostrar ao povo mexicano a importância de uma luta contra Porfírio Díaz alinhado aos interesses de aumentar o sistema capitalista e dando falsa esperança aos camponeses e indígenas na inclusão social. Após a fraude eleitoral realizada por Díaz a fim de se manter no poder, Madero convoca a população a pegar em armas e lutar contra o governo atual.

Sob o lema “Terra e Liberdade” à figura de Emiliano Zapata crescia no sul do país, os indígenas e camponeses liderados por Zapata invadiam e incendiavam fazendas e refinarias a fim de melhorias nas suas condições. No norte esse movimento era liderado pela figura de Pancho Villa, também defensor da reforma agrária. Com o avanço em direção a capital, o zapatismo tencionava suas lutas na devolução das terras indígenas e camponesas e principalmente na inclusão de direitos perante os tribunais através do Plano Ayala que tinha como lema “Liberdade, Justiça e Lei”. Enfatiza Rampinelli:

O Plano não faz referência à “paz”, ao “progresso” e à “democracia”, metas recorrentes dos demais projetos e preocupação eminente dos homens urbanizados daquela época. A finalidade é “reconquistar as liberdades” de um povo republicano e dar lugar à “prosperidade e o bem-estar”. (RAMPINELLI. 2011. p.97)

Após incansáveis disputas entre zapatistas, villistas e outros grupos revolucionários, o exército federal é derrotado e Porfírio Díaz renuncia em 21 de maio de 1911, adentrando dessa maneira ao poder Madero. Com o crescimento no cenário político e o descumprimento do apoio aos revolucionários e suas causas, a insatisfação zapatista crescia e o ataque fortemente ao governo de Madero o

encaminhou para um golpe de Estado liderado por Victoriano Huerta. Após os acontecimentos o México retornava ao governo ditatorial e com o resultado desagradável nas políticas estabelecidas por Díaz, os movimentos revolucionários continuam a lutarem contra o governo constituído que ocasionou na renúncia de Huerta em 1914.

Entre 1914 a 1916 o México passava por um período de instabilidade política, a disputa pela escolha de novo um regime e representante resultou na realização da Constituinte de 1917, e no decorrer a esse processo adentrava a presidência Venustiano Carranza. A constituição estabeleceu algumas mudanças nos setores trabalhista, religioso, educacional e presidencial; a proibição de reeleição do Presidente da República, quebra do poderio da Igreja Católica, expansão do sistema de educação pública, reforma agrária, os direitos trabalhistas que garantiam oito horas de trabalho, salário mínimo e a proibição de trabalho para menores de 14 anos.

Carranza não consolidou em seu governo práticas que atendessem as demandas dos indígenas, e permitiu o conservadorismo da classe burguesa e o desenvolvimento crescente do capitalismo que continuava a massacrar os indígenas.

A exaustão dos guerrilheiros zapatistas perante as inúmeras práticas não favoráveis do governo, não os colocavam em posição de desistência, pelo contrário, os fortaleciam para continuar as batalhas em defesa de suas demandas. Ressurge com o zapatismo uma “luz” aos indígenas para restabelecerem sua identidade silenciada durante a conquista e ao processo de colonização.

Os indígenas novamente adentravam ao cenário social e político e reascendiam as chamadas de um grito que mais tarde ecoariam durante as lutas do Exército Zapatista de Libertação Nacional, conforme será apresentado no segundo capítulo. No decorrer das batalhas com Emiliano Zapata e Pancho Villa os indígenas estavam firmando novamente que eram parte da sociedade mexicana e que suas necessidades precisavam ser ouvidas e acima de tudo respeitadas.

As práticas de guerrilhas não estavam objetivadas na aniquilação do Estado, mas na necessidade de ações que os asseguravam na melhoria da condição de vida e nas participações nas decisões tomadas pelo governo constituído que a muito já os tinham ignorados.

A Revolução Mexicana representou e logrou o México a muitas conquistas em vários setores nacionais, como também buscou integrar os povos indígenas a civilização. Destaca Rampinelli;

A Revolução reconhece a existência do índio e do México Profundo, sendo que ambos possuem valores positivos e resgatáveis. A Revolução se propõe, então, em redimir o índio, isto é, incorporá-lo à cultura nacional e por meio dela à civilização universal. Por outra parte, a Revolução apropriou-se de todos aqueles símbolos do México profundo que lhe permitam construir uma imagem do México mestiço.

A morte de Emiliano Zapata após uma emboscada em 1919 insere novamente os indígenas em um período de silenciamento aos movimentos indigenistas. O governo continuava a ignorar esses povos, e após a morte de Zapata continuava a desenvolver o capitalismo e conduzindo os indígenas a uma condição de escassez e marginalização. De acordo com Batalla essa marginalização resulta no esquecimento e na falta de conhecimento das relações indígenas no país:

Sin embargo, en general, los mexicanos sabemos poco de los indios, de "nuestros" indios. Cuántos son?, cuántos pueblos componen esse abigarrado mosaico étnico que el colonizador encubrió bajo el término único de "indio": el colonizado, o vencido? , cuántas lenguas aborígenes se hablan? Pero más allá de estos fríos datos - por otra parte, sintomáticamente difíciles de precisar -, la cuestión está en que el rechazo a lo indio nos cierra la posibilidad de entender formas diferentes de vida y alternativas . A muy poco parece interesarles qué significa ser indio, vivir la vida y la cultura de una comunidad india, padecer sus afanes y gozar sus ilusiones. Se reconoce al indio a través del prejuicio fácil: el indio flojo, primitivo, ignorante, si acaso pitoresco, pero siempre el lastre que nos impede ser el país que debíamos ser. (BATALLA. 1987. p.45)

Os gritos dos indígenas ao estado mexicano representa uma resistência à perseguição incansável das elites em oprimir e massacrar a identidade, a cultura, as práticas religiosas e língua materna desses povos durante o processo de desenvolvimento político e social do México. Essas práticas esmagadoras não afetam somente o seu desenvolvimento como ser humano, mas também como agente transformador da sociedade mexicana, pois os colocam em uma condição de invisibilidade.

Mas os interesses políticos e econômicos estavam acima das condições indígenas e na inclusão social, o desenvolvimento do capitalismo continuava a encaminhar o México a uma aliança econômica, e no decorrer desse processo os indígenas continuavam a sonhar e lutar por sua liberdade, identidade e inclusão.

II. A LUTA ZAPATISTA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Ao final de 1960, o Partido Revolucionário Institucional (PRI⁷), começava a demonstrar o enfraquecimento em seu poder que até então contava com apoio de grande parte da sociedade mexicana. O autoritarismo e as práticas governamentais não apoiavam as classes pobres, constituída por grande parte indígena e camponesa, esse descontentamento gerou diversas reprovações e acabou por gerar manifestações estudantis, greves de operários, revolta do setor empresarial e guerrilhas armadas rurais e urbanas. De acordo com Cruz, o cenário era de total reprovação ao governo sendo necessária a criação de grupos armados que marcaram o cenário atual:

Nesse contexto, dezenas de grupos armados se formaram no México, inspirados pelo êxito da Revolução Cubana em 1959. Alguns atuaram nos centros urbanos, compostos em grande maioria por jovens com sólida formação ideológica, porém com pouca inserção nos movimentos populares (FIGUEIREDO, 2003, p. 132). Outros tantos se instalaram nas zonas rurais, aliados a camponeses e indígenas que também se organizavam para a luta. Jovens que haviam participado das manifestações de 1968 foram às serras e selvas de outros estados do país, como Guerrero, Oaxaca e Chiapas com o apoio dos indígenas que, por serem os mais pobres e oprimidos, poderiam aderir ao ideal revolucionário. (CRUZ. 2016. p.2)

Com o descontentamento das práticas realizadas pelo PRI, os indígenas no estado de Chiapas começavam um movimento cauteloso que tinha como principal objetivo combater as práticas administrativas do governo a favor de sua inclusão social. Essa movimentação indígena partiu de um núcleo das chamadas Forças de Libertação Nacional (FLN) que eram compostas por pessoas pertencentes à classe média com uma orientação marxista-leninista na cidade de Monterrey em 1969. Esse movimento guerrilheiro armado afirmava que serviam como força de

⁷ Em 1946 o Partido Nacional Revolucionário sofre uma alteração em sua nomenclatura e passa a ser nomeado como Partido Revolucionário Institucional. No decorrer do seu desenvolvimento o partido obteve apoio da população, encaminhando o México à modernização e ao desenvolvimento econômico que resultou na baixa inflação, implementação de planos para desenvolvimento nacional que tinham excelentes resultados. Mas com as modificações constantes de presidentes, a PRI começou a demonstrar enfraquecimento e corrupções excessivas e falsas promessas ao estado mexicano que como resultado teve o descontentamento da sociedade, principalmente das classes pobres que estavam começando a sentir o efeito da má administração do partido. Os indígenas locais estavam sofrendo um esmagamento constante devido as práticas desenvolvidas pelo PRI.

autodefesa popular contra o Estado, e procuravam estabelecer em Chiapas apoio de grupos guerrilheiros de libertação nacional latino-americanos que atuavam no período (CRUZ. 2016. p.3). Mas com seus ideais sem resultado, buscou nas insurreições e nos períodos aqui citados uma luta contra o Estado através da valorização da história militar mexicana.

As manifestações e as criações de movimentos contra as práticas do Estado alimentou a sede das autoridades mexicanas em perseguir os guerrilheiros de diferentes organizações armadas que atuavam no país, principalmente a FLN. Diversas pessoas foram mortas, torturadas e presas, reduzindo o número de pessoas em uma escala consideravelmente perigosa para a continuação das lutas. É procurando uma forma de restabelecer o movimento que os guerrilheiros se aloca na Selva Lacandona⁸ e criam o Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Uma região de extrema pobreza e condições precárias, Chiapas é constituída por grande parte indígena e camponesa, para uma população que sempre viveu no esquecimento e de falsas promessas de melhoria de vida, a realidade da pobreza massacrava dia após dia os moradores que estavam cada vez mais frustrados e revoltados com suas condições. Esse desgaste resulta na aliança entre a FLN e os indígenas locais, que apesar de suas diferenças concordam na necessidade de uma luta armada para reivindicar seus direitos.

Ao final de 1980 o EZLN já contava com centenas de combatentes que estavam dispostos a lutarem pelos seus direitos, no mesmo ano em que consolidaram suas ideias, o Partido Revolucionário Institucional ganhava novamente as eleições com o Presidente eleito Carlos Salinas de Gortari. As práticas de Salinas abriam portas ao capitalismo e as alianças comerciais. O presidente eleito assina o Acordo de Livre Comércio em 1º de janeiro de 1994, o qual tinha como finalidade o intercâmbio comercial com países como Estados Unidos e Canadá. O México desse modo ampliava o comércio atrelado ao sistema neoliberal vigente à época e dava início ao processo de globalização.

Como reflexo desse sistema os impasses foram crescentes no território mexicano. O sistema neoliberal alavancou a crise econômica que resultou na queda

⁸ Localizada ao leste do estado de Chiapas, a Selva Lacandona é uma região dominada por indígenas que vivem a sombra do estado que massacra suas condições de vida.

brutal dos preços mundiais afetando o mercado interno de grãos básicos o que prejudicou os moradores produtores e usufrutuários. (LISBOA. 2016. p.73). O desenvolvimento econômico do país continuou a desencadear a pobreza tornando a vida dos moradores em uma tremenda catástrofe, os preços excessivos nos produtos adquiridos, a saúde pública em condições mínimas, a educação de baixa qualidade, a desvalorização da mão de obra local e a pobreza tornaram-se superabundante. Além das condições precárias no cotidiano dessas famílias, os moradores da região viviam sob o medo de terem suas terras ocupadas por proprietários de terras que precisariam competir com os produtores dos Estados Unidos e Canadá.

A comunidade indígena sentia o efeito negativo de suas práticas, e assistia o esmagamento de seus direitos crescerem, desse modo sentia a necessidade de uma intervenção não somente indígena, mas da população civil nas decisões do Estado. Salinas despreocupado com as causas indigenistas comemora em 1º de Janeiro o salto econômico que acabava de assinar em prol dos interesses econômicos que favorecia os outros países, mas que massacrava o povo mexicano.

Durante as comemorações do ano novo, o movimento indígena que surgiu nas montanhas da Selva Lacandona de forma cautelosa, desce e atravessa sete cidades de Chiapas com armas e rostos cobertos ao encontro do presidente eleito. Seu principal objetivo é reivindicar pela melhoria de vida que resulta em prol do trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Conforme especificadas na primeira de Declaração da Selva Lacandona.⁹, as exigências do EZLN enfatizam na valorização do modo de vida indígena e ascende novamente a identidade silenciada durante o processo de desenvolvimento do México.

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que

⁹ As Declarações da Selva Lacandona são comunicados oficiais da cúpula do EZLN totalizando até o presente momentos em seis Declarações . A primeira Declaração da Selva Lacandona completa consta anexo I.

no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos. (EZLN. 1994)

O zapatismo não surge com o ideal de doutrina ou ideologia e não pretende substituir bandeiras como comunismo, capitalismo ou socialdemocracia, a sua bandeira defende um país democrático e livre, onde todas as pessoas e todos os grupos étnicos sejam respeitados e suas identidades mantidas. Em entrevista a revista *Atenção*,¹⁰ Marcos ressalta a diferença do EZLN das guerrilheiras até o presente momento:

Em primeiro lugar, nos distanciamos da tomada do poder. Nosso objetivo é abrir espaços de luta para toda a sociedade. Lutamos para que as soluções não sejam excludentes, mas tolerantes. Não pretendemos ser donos da verdade nem ter a última palavra. Aceitamos que há outras ideias e que o futuro pode ser construído com participação. Nisso nos diferenciamos radicalmente dos grupos dogmáticos. (Subcomandante Insurgente Marcos. 1996. p.44)

As lutas indígenas determinam uma problemática debatida entre antropólogos, sociólogos, historiadores e filósofos as chamadas identidades culturais.

Para compreender o conceito de identidade com as práticas estabelecidas pelo EZLN, é importante ressaltar que o movimento guerrilheiro não se faz a partir de identidade única, e sim uma pluralidade de identidades vividas em um grupo. Segundo Manuel Castells (2001. p.22) “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”, sendo através da identidade indígena colonial que se constrói uma identidade contemporânea.

A identidade cultural nas últimas décadas do século XX sofreu diversas mudanças devido às transformações sociais, antes o sujeito único definia sua identidade sem relações ao demais, no pós-moderno¹¹ essa identidade passa a ter

¹⁰ A entrevista completa consta disponível no Anexo II.

¹¹ Na obra *A identidade cultural na pós modernidade*, define o termo “pós moderno” para compreender a crise da identidade na contemporaneidade a fim de esclarecer a identidade vista numa perspectiva de relações interpessoais, e destacando que a identidade cultural é algo estabelecido em conjunto e não de forma individual de uma pessoa dentro de uma sociedade. (HALL, Stuart. 2000. p.36-42).

uma relação interpessoal e faz com que as vivências das outras pessoas sejam relevantes para estabelecer a identidade no hoje. Destaca Fonseca:

Em outras palavras, nessa complexa relação social em que se insere o sujeito “pósmoderno”, não se pode pressupor a existência de identidades culturais fixas. Antes, porém, deve-se levar em conta que a identidade é fruto de um intrincado constructo social. (FONSECA. 2010. p.4)

As modificações sociais, negociações e transformações resultam em uma identidade cultural em constante mudança, não existindo assim uma identidade indígena fixa no decorrer dos séculos, dessa maneira o termo construção, como é especificado no título deste trabalho, surge com o significado dos indígenas possuírem uma identidade desde os primórdios, mas elas são modificadas no decorrer da sociedade em que estão inseridas. Usa-se e valorizam-se as lutas, as perseguições, o modo de vida, os costumes, as práticas religiosas e as vivências de dos povos originários, mas cria-se uma nova forma de consolidar sua identidade no presente. De acordo com Chartier:

A história da construção das identidades sociais encontra-se assim transformada em uma história das relações simbólicas de força. Essa história define a construção do mundo social como êxito (ou fracasso) do trabalho que os grupos efetuam sobre si mesmos – e sobre os outros – para transformar as propriedades objetivas que são comuns a seus membros em uma pertença percebida, mostrada, reconhecida (ou negada) (CHARTIER, 2002, p. 11)

Como apresentado anteriormente no primeiro capítulo, podemos analisar que ao decorrer das últimas décadas a forte onda dos movimentos indígenas tomam maiores proporções partindo de questões identitárias para afirmação de suas singularidades e reivindicações de direitos sociais e políticos historicamente negados (SANTOS. 2012). O ELNZ não só marca uma virada histórica dos movimentos sociais e das lutas anticapitalista, como apresenta um novo repertório de práticas de confronto contra o Estado a fim de consolidar sua identidade e sua inclusão social.

Na resistência das lutas indígenas na contemporaneidade a figura do Subcomandante Marcos ganha força. Filho de professor e pertencente a uma família burguesa de origem espanhola que mais tarde se tornaria uma das figuras mais importantes em seu tempo. Durante sua juventude conheceu um México governado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) que no início do século XX ainda dava

continuidade ao processo de reforma agrária dando reconhecimento as terras *comunais*. No decorrer do avanço da economia capitalista, o processo revolucionário já havia sido esgotado e o país passava a reviver um período de retrocesso nos direitos e na liberdade.

Marcos representa a frente do EZLN e consolida através da sua voz três práticas para compreender como o Exército Zapatista de Libertação Nacional constrói a identidade indígena contemporânea, são elas: A luta armada, estratégias e autonomia territorial.

No decorrer das disputas e defesas de sua identidade, os indígenas durante o processo de conquista e colonização, usavam de armas criadas por eles como forma de defesa aos ataques dos espanhóis, na Independência do México essas lutas eram marcadas pelas estratégias de queimas *las haciendas*, na Revolução Mexicana os indígenas estabilizam a arma de fogo como uma forma de defesa e reivindicação, processo esse que resulta na permanência e na necessidade de se manter a arma no levante zapatista. As armas não tinham como principal objetivo a morte dos representantes do Estado, mas como forma de suas vozes serem ouvidas e suas demandas atendidas.

O confronto direto entre zapatistas e o exército mexicano duram doze dias, preocupados com a opinião pública, o governo declara cessar-fogo (CRUZ. 2016. p.5) o que não resultou no abandono total das armas, pois elas eram usadas como forma de defesa aos ataques constantes das forças armadas a fim de desestabilizar e acabar com o EZLN em Chiapas.

Os ataques contra as forças governamentais não resulta no ataque a população civil, ainda que se fizesse necessário o uso das armas, Marcos destaca;

Não justificamos ataques à população civil, quaisquer que sejam seus fins. Por população civil entendemos que não determinada classe social. Não consideramos inimigos, os filhos das famílias abastadas. São tão civis como os pobres. Quando um exército se dedica a lutar contra civis, converte-se em monstro. É um doente que mata por prazer, não por necessidade. Também não enfrentáramos outras forças sociais, políticas ou militares que lutam pelas mesmas mudanças, para disputar a vanguarda ou hegemonia do conflito. Não brigáramos com outros grupos para ver quem tem a verdade ou quem é mais revolucionário. Se enfrentamos um regime criminoso que baseia seu poder nas armas, é porque não estamos dispostos a construir outro regime sob armas, ainda que fossem de madeiras, como dizem que são as dos zapatistas. (Subcomandante Insurgente Marcos. p.42)

Como esperado pelo EZLN as mortes em grande escala dos indígenas nas ruas das cidades de Chiapas chamam a atenção da sociedade civil que ao notar os constantes ataques a esses povos, sentem a necessidade de uma intervenção em defesa da Pátria.

A participação da Sociedade Civil conduz o EZLN a novas estratégias de atuação, após a sociedade se mobilizar em praça pública na Cidade do México pelo fim do conflito entre exército e zapatistas, e ver em suas demandas uma forma justa de tornar o país democrático, essas mobilizações abrem portas para discussões e questionamentos as práticas governamentais nas questões políticas, sociais e econômicas que afetam a classe pobre.

As novas estratégias zapatistas tinham como principal objetivo o cessar das armas de fogo e criar formas de comunicação com a sociedade civil, desse modo às declarações criadas e publicadas pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI), descrevem as condições indígenas do México e acentua as práticas políticas e sociais que afetavam a sociedade como um todo. A estratégia zapatista se faz através das “palavras electrónicas andantes” (MORAES. 2006. p.30), essa prática torna o EZLN como o primeiro movimento social da história a utilizar a internet¹² como ferramenta para as publicações de declarações e cartas abertas.

Os povos marginalizados durante séculos estavam promovendo um espetáculo de mídia e ocasionando um novo avanço nas lutas indígenas, o uso da internet e do reflexo de suas práticas na mídia, continuavam a resultar no crescimento de suas ações e divulgando as condições reais e dolorosas dos indígenas, ocasionando no apoio de diversos grupos e ONGs pela América Latina, que lotavam as caixas de e-mails do governo pedindo pelo fim da guerra e abertura nas negociações. De acordo com Gohn essa visibilidade era de extrema importância:

O tempo se altera em função dos novos meios de comunicação. A mídia, principalmente a TV e os jornais da grande imprensa, passa a ser um grande agente de pressão social, uma espécie de quarto poder, que

¹² O acesso a internet não se faz aos tempos atuais, o “computador portátil” usado pelos zapatistas são celulares que transmitem ondas de rádios, o que nos tempos atuais tornar-se-ia alvo fácil para o rastreamento, mas essa conduta facilitava nas comunicações entre zapatistas para chegar aos ouvidos das pessoas a realidade das condições indígenas.

funciona como termômetro do poder de pressão dos grupos que têm acesso àqueles meios. (Gohn, 1997. p.296)

A nova conduta zapatista de abaixar as armas e usar através das palavras uma nova forma de luta desencadeia em discussões entre analistas, jornalistas e políticos que começam a questionar que o conflito de Chiapas era apenas uma guerra de palavras que se tratava nas páginas dos jornais, nas TVs, na internet. Era, portanto uma “guerra midiática” (JUNIOR. 2007 p. 52)

Ao utilizar a internet para divulgar sua causa e seus problemas, o EZLN consegue grande apoio da sociedade mexicana e de grupos guerrilheiros da América Latina, a sua conduta reflete na criação e no fortalecimento de lutas fora do México. As exigências e as demonstrações da realidade indígena transparece a sociedade mexicana uma perseguição sofrida durante séculos, e torna o questionamento na necessidade do país, do governo e da sociedade como um todo em valorizá-los, inclui-los e respeita-los como cidadãos mexicanos assegurando-os de condições melhores e criando o México um país democrático e livre. O uso da palavra e das divulgações zapatistas marcam uma nova maneira de identidade indígena na contemporaneidade ultrapassando e quebrando barreiras que até então eram determinadas pelo Estado com o intuito de não permitir a esses povos o ecoar de suas vozes e de sua exaustão.

Outra prática de estratégia importante que marca as modificações na identidade contemporânea e nas guerrilhas da América Latina são as inclusões das mulheres indígenas no levante zapatista. Nas comunidades indígenas e na sociedade as mulheres são marginalizadas e ainda sofrem com proibições e pensamentos de caráter machistas. A inclusão e a liberdade de serem mulheres dentro de um movimento guerrilheiro possuem duas maneiras de serem analisadas segundo Millán (1996) “a primeira consiste na presença das mesmas no exército zapatista, nas mobilizações e organizações sociais e a segunda através dos espaços discursivos elaborados em torno da situação das mulheres indígenas”.

As mulheres zapatistas com seus rostos cobertos por *passamontanha* ou *palicate*¹³, desenvolvem funções através do anonimato que provocam uma

¹³ Passamontanha são toucas que cobrem os rosto deixando apenas os olhos visíveis e palicate é um pedaço de tecido que cobre a boca e o nariz. São usados para garantir a segurança e o não reconhecimento de seus rostos, evitando ataque aos familiares e a si próprio.

profunda mudança nas comunidades indígenas e nas relações dos papéis de gênero, subvertendo a lógica, muitas vezes engessada, de que determinadas funções eram designadas como próprio de mulheres. A pegada em armas, vigias, cargos e condutas administrativas são funções que transformam e incluem as mulheres dentro do movimento zapatista.

As participações das mulheres zapatas embora de extrema relevância, não podem ser vistas como à parte do movimento (NASCIMENTO. 2012. p.92), pois dentro da comunidade indígena chiapaneca o coletivo tem um peso maior do que a noção de indivíduo. Esse pensamento coletivo firmado dentro da comunidade faz com que as mulheres usem de suas vivências maternas como forma de reivindicar por educação e saúde para seus filhos. Esse espaço coletivo torna-se uma forma das mulheres superarem medos e darem vozes a tantas outras mulheres dentro da América Latina. De acordo com Traipé;

los colectivos son encuentros muy importantes para las mujeres, por que estos también se traducen en espacios de contención, donde es posible superar los miedos, las miserias vividas, siendo importantes también por que se realizan dentro de la comunidad lo que implica que son legitimados y apoyados por esta. (TRAIPÉ. 2009. p.34)

Para subcomandante Marcos a inclusão das mulheres no movimento zapatista representa a conquista e a abertura de portas para continuarem a debater e lutarem por alimentação, casamento, filhos, sexualidade, educação, representatividade, saúde, terra, trabalho, e fim da violência contra mulheres, e permitindo com que elas conquistem seu espaço social;

No EZLN, as mulheres conquistam direitos. Não todos é verdade, mas direito ao estudo, a escolher seu companheiro e a ser oficial zapatista. São mulheres indígenas que descobrem outro mundo, porque podem aprender, e como oficiais, têm homens sob o seu comando. [...] O que defendemos é que nossos avanços sejam produto da luta das mulheres, não de algo que decretamos. Que as mulheres conquistem seu espaço e lhe dêem a amplitude que elas mesmas estabelecerem. (Subcomandante Insurgente Marcos. p.45)

Com a luta armada e as estratégias dos zapatistas, o governo continuava com a sua prática ilusória de atender as demandas e os interesses, os ataques armados às comunidades indígenas ocorriam de forma cautelosa a fim de não chamarem a atenção da sociedade civil e das mídias locais.

As regiões de Chiapas habitadas por indígenas e pelo movimento zapatista sofriam uma dura repressão, cercadas completamente pelas tropas militares essa conduta tinha como objetivo dificultar a travessia dos indígenas que levavam as declarações e comunicados a mídia a Cidade do México, esse bloqueio dos militares não impedia os indígenas de usarem as florestas e o tempo ao seu favor. Salienta Marcos que a estratégia prejudicava a comunidade;

É um cerco de fome que impede o ciclo normal das pessoas na zona de conflito. Não permite o cultivo da terra e a colheita. Os militares patrulham as comunidades, suas roças de milho, perseguem camponeses e os ameaçam. Tratam-nos como se fôssemos estrangeiros cruzando uma fronteira. As mulheres não podem sair sozinhas porque têm medo de serem atacadas sexualmente pelos soldados, como já ocorreu. Além disso, há um bloqueio a todo tipo de apoio, como crédito e abastecimentos para as comunidades identificadas como zapatistas. A única ajuda vem das ONGs, da sociedade civil e da solidariedade internacional. (Subcomandante Insurgente Marcos. 1996. p.42)

Com a continuidade do governo em ignorar as condições indígenas e oferecer falsos acordos, a autonomia territorial zapatista se faz necessário, criando assim a última das três práticas de compreender como EZLN modificou a identidade indígena e construiu uma nova forma de ver os indígenas no presente. Essa autonomia territorial é consolidada em 1994 através dos chamados Municípios Autônoma Rebeldes Zapatista (MAREZ).¹⁴

Esses municípios eram administrados de formas democráticas de acordo com as comunidades locais, tinham como principal objetivo fortalecer as lutas zapatistas e criar um território que respeitasse as condições indígenas e o seu modo de vida sem a intervenção do Estado. O desenvolvimento econômico e social ocorria da ajuda de moradores e integrantes zapatistas, o projeto alternativo contava com apoio também de ONGs, da sociedade civil e da solidariedade internacional conforme Marcos desta na citação citada anteriormente.

Os zapatistas não interferiam na forma administrativa dessas regiões, mas auxiliavam nas decisões e nas dificuldades enfrentadas por esses povos. Diversos encontros surgiram através do MAREZ criando diálogos dentro das comunidades zapatistas com a finalidade de tornar a região democrática e justa, a Convenção Nacional Democrática (1994), os Diálogos de San Andrés (1996), os Encontros pela

¹⁴ De acordo com Cruz (2016): O Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas são pequenos territórios sobre o controle das bases de apoio zapatistas no estado de Chiapas que tinham novas fronteiras e governos civis autônomos aos governos dos municípios oficiais.

Humanidade e contra o Neoliberalismo (o primeiro foi em 1996, em terras zapatistas), as Consultas e as Marchas (das quais a mais recente foi a Marcha da Cor da Terra, em 2001).

Do ponto de vista da autonomia, os Diálogos de San Andrés ¹⁵foram um dos momentos decisivos para os povos indígenas conseguirem fazer chegar sua problemática ao nível nacional. (ORNELAS. 2005. p.141) O resultado desses diálogos revigorava a legitimidade de suas lutas e autonomia das comunidades indígenas no México. Os Acordos de San Andrés estabelecem;

O Estado deve promover o reconhecimento, como garantia constitucional, do direito à livre determinação dos povos indígenas [...] que se exercerá num marco constitucional de autonomia assegurando a unidade nacional. Poderão, em consequência, decidir sua forma de governo interna e suas maneiras de se organizar política, social, econômica e culturalmente. O marco constitucional de autonomia permitirá alcançar a efetividade dos direitos sociais, econômicos, culturais e políticos em relação à sua identidade (Governo Federal e EZLN, 1996)

O fortalecimento da autonomia territorial representa na contemporaneidade uma forma de saldar umas, das diversas, dívidas históricas com os povos originários. Essa autonomia é uma forma de inclusão social e que permite os indígenas a continuarem a construindo sua identidade na contemporaneidade sem intervenção do Estado que tomaram durante anos os seus direitos e suas vozes. Em uma análise através do EZLN, esses territórios independentes não possuem qualquer interesse na tomada do Estado e não permitem membros guerrilheiros a ocuparem cargos;

Posto que o EZLN, por seus princípios, não luta pela tomada do poder, nenhum dos comandantes militares ou membros do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena pode ocupar cargos de autoridade na comunidade ou nos Municípios Autônomos. Aqueles que decidem participar nos governos autônomos devem renunciar definitivamente a seu cargo organizativo dentro do EZLN (Subcomandante Insurgente Marcos, 2003: 5ª parte)

¹⁵ Os Diálogos de San Andrés é um documento que o governo assina em 16 de fevereiro de 1996 que compromete a modificação da Constituição Nacional concedendo direitos e incluindo autonomia aos povos indígenas. Quatro pontos relevantes foram debatidos no decorrer das negociações entre zapatistas e governo; 1)Direitos e cultura indígenas; 2) Democracia e justiça; 3) Bem-estar e desenvolvimento; 4) Direitos das mulheres em Chiapas. Após constantes debates e acordos entre estado e zapatas,

O cotidiano dos moradores dessas regiões é direcionado a melhoraria das condições de vida, o trabalho nas terras tomadas dos latifundiários em prol de plantações e do cultivo nas terras, fazem com quem os moradores trabalhem em conjunto e de forma dividida nas questões braçais. Para uma população que sofreu nas mãos de colonizadores que os forçavam a trabalhar em horas abusivas e condições deploráveis, ainda que vivessem em condições mínimas, conseguiam sentir na autonomia o sabor da liberdade e do trabalho que resultaria na sua qualidade de vida.

Essa autonomia segundo Ornelas representa uma modificação nos tempo presente, pois valorizam a luta e a vivência dos povos indígenas presentes no México contemporâneo;

O desenvolvimento das autonomias mostra que as propostas zapatistas não são ideia “para o futuro”, quando a sociedade tiver mudado; são propostas de transformação cujo horizonte são os tempos longos, mas cuja realização se enraíza no presente, na vida e na luta cotidiana das comunidades em resistência. (ORNELAS. 2005. p.149)

Os zapatistas buscam mediações para uma reconstrução do Social, valorizando o cotidiano e a vivências da classe pobre, surgindo com o ideal de “uma nova forma de fazer política”. Com o desenvolvimento constante do capitalismo e como característica a opressão do sistema, essa nova política tem como objetivo não reproduzir a separações que dão coerência ao sistema consolidado (ORNELAS. 2005. p.153), firmando uma nova forma de administração do Estado onde sociedade, política e economia unifiquem-se a vida social.

As propostas de mudanças estabelecidas pelo EZLN através da revolução, segundo Marcos, não tem como objetivo uma queda do sistema constituído, mas de uma reformulação nas condutas do Estado;

três indicações que contêm toda uma concepção sobre a revolução (com minúsculas, para evitar polêmicas com múltiplas vanguardas e salvaguardas da “REVOLUÇÃO”): A primeira refere-se ao caráter da mudança revolucionária, desta mudança revolucionária. Trata-se de um caráter que incorpora métodos diferentes, frentes diversas, formas variadas e distintos graus de compromisso e participação. Isto significa que todos os métodos têm seu lugar, que todas as frentes de luta são necessárias, e que todos os graus de participação são importantes. Trata-se, portanto, de uma concepção includente,

antivanguardista e coletiva. O problema da revolução (atenção com as minúsculas), deixa de ser um problema DA organização, DO método e DO caudilho (atenção com as maiúsculas), e converte-se num problema que diz respeito a todos os que vêem essa revolução como necessária e possível, e em cuja realização todos são importantes. A segunda refere-se ao objetivo e ao resultado dessa revolução. Não se trata da conquista do Poder ou da implantação (por vias pacíficas ou violentas) de um novo sistema social, mas de algo anterior a ambas. Trata-se de conseguir construir a ante-sala do mundo novo, um espaço onde, com igualdade de direitos e obrigações, as diferentes forças políticas “disputem entre si” o apoio da maioria da sociedade. A terceira trata das características não já da revolução, mas de seu resultado. O espaço resultante, as novas relações políticas, deverão cumprir três condições: a democracia, a liberdade e a justiça. Em suma, não estamos propondo uma revolução ortodoxa, mas algo muito mais difícil: uma revolução que torne possível a Revolução (Subcomandante Insurgente Marcos, 1995).

O “modo” zapatista de constrói uma nova forma de governar, marca um avanço principalmente na inclusão desses povos e da valorização da minoria. Abrem-se portas e surgem novas maneiras de darem vozes que até o levante estavam silenciadas por um Estado que continuava a ignorar suas demandas. O EZLN representa uma construção de identidade acerca de momentos históricos do México e usa dessas lutas não somente uma forma de consolidar o tempo presente, mas de retribuir aos povos originários o resultado de suas lutas. A democracia, liberdade e justiça que muito citado pelo EZLN, representa a conquista da minoria e a inclusão de homens e mulheres livres na sociedade.

É a razão e a vontade dos homens e mulheres bons buscar e encontrar a melhor maneira de governar e governar-se, o que é bom para a maioria é bom para todos. Mas que não se calem as vozes da minoria, que elas continuem em seu lugar, esperando que o pensamento e o coração se tornem comum no que é vontade da maioria e parecer da minoria, assim os povos dos homens e mulheres verdadeiros crescem para dentro e se tornam grandes, e não há força de fora que os rompa ou leve seus passos a outros caminhos. Nosso caminho sempre foi o de que a vontade da maioria se fizesse comum no coração dos homens e mulheres de mando. Era essa vontade majoritária o caminho por onde devia andar o passo daquele que mandava. Se seu andar se distanciava da razão do povo, o coração que mandava devia ser mudado por outro que obedecesse. Assim nasceu nossa força na montanha, aquele que manda obedece se é verdadeiro, aquele que obedece manda pelo coração comum dos homens e mulheres verdadeiros. Outra palavra veio de longe para que este governo fosse nomeado, e essa palavra nomeou “democracia” este nosso caminho que andava antes que andassem as palavras (CCRI-CG do ELNZ, 1994).

Para Marcos o movimento zapatista é muito mais do que um movimento indígena mexicano, ele representa vozes de minorias do mundo inteiro e se faz necessário a valorização dessas lutas e dessas mudanças no decorrer da sociedade;

Nós nos vemos como sintonia de algo maior que está acontecendo no mundo, onde muitos dizem ou gostariam de dizer "Ya basta!". Antes não se escutava, porque o poder mundial construiu um mundo paralelo, fictício, onde se aceita que tudo anda bem, mas não é verdade. Embaixo desse universo virtual existe o belo <vício> do ser humano, de sempre querer melhorar e mudar, de não conformar-se. E então apareceu uma faísca nas montanhas mexicanas, na qual os rebeldes do mundo todo podem se reconhecer, mesmo sem serem índios. É como um espelho que ajuda a reconhecer e dizer: Existimos! (MARCOS. 1996. p. 44)

O EZLN marca uma mudança significativa para a sociedade contemporânea, o surgimento do grupo guerrilheiro nas montanhas de Chiapas, traz ao México e ao mundo uma nova forma de governar, surgindo com o lema "Mandar obedecendo", onde o Estado responderia de acordo com a necessidade democrática. Esse grupo guerrilheiro desce ao encontro do presidente Salinas com o intuito de lutarem pelos direitos dos indígenas, mas através de suas práticas e suas formas de guerrilha acabam por chamar a atenção da Sociedade Civil e do mundo, e consolidando o respeito e apoio de grande parte da sociedade, e impulsionando outros movimentos latinos a levantem e lutarem pelos seus direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha intenção com a escolha deste tema, apesar de conciso, era compreender como as lutas indígenas durante a conquista, colonização, Independência do México e Revolução Mexicana levaram ao surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional, e como suas práticas modificaram a identidade indígena na contemporaneidade.

No primeiro capítulo busquei compreender como os indígenas reagiram aos constantes ataques de silenciamento de sua identidade para a consolidação dos poderes de cada período. As práticas estabelecidas pelos espanhóis com interesse de expandir território e criar um Novo Mundo europeu resultaram em características que colocavam os indígenas a inferioridade. Para os colonizadores esses povos eram ignorantes, bárbaros e representavam o retrocesso, sendo assim precisavam ser colonizados e civilizados conforme os interesses da Coroa espanhola. Durante o processo de colonização as lutas indígenas começam a crescer em prol dos interesses de melhoria de vida resultando em grandes conflitos entre proprietários de terras e indígenas locais.

O desenvolvimento econômico atrelado a diversos fatores internos e externos encaminhavam o México a sua Independência. O capitalismo como característica esmagadora das classes mais pobres, continuava a dificultar a melhoria de vida dos indígenas locais dando continuidade aos conflitos constante com as tropas espanholas. Outro marco relevante para as lutas indígenas durante o processo de desenvolvimento do México são as relações criadas entre padres e indígenas, isso demonstra o fato de que os indígenas estavam começando a ecoar suas vozes com o intuito de melhorar suas vidas, e dos colonos, que estavam ocupando territórios precários e vivendo com sob condições mínimas.

Dando continuidade as lutas indígenas em prol da sua identidade e inclusão social, a Revolução Mexicana marca uma modificação considerável. Com um governo ditatorial que focava sua política apenas nos interesses econômicos e da burguesia local, os indígenas inconformados com as práticas organizavam ao Sul

do México um exército que caminharia pelas cidades do México reivindicando pelos seus direitos e pressionando o Estado.

As práticas de guerrilhas criadas pelo exército zapatista através do General Emiliano Zapata representou um avanço consideravelmente importante para a história das lutas indígenas e para o México. Pela primeira vez um movimento guerrilheiro armado lutava contra o Estado e conseguia através de suas práticas a renúncia e a queda de presidentes.

Emiliano Zapata representou à figura de muitos indígenas que não conseguiriam consolidar suas lutas, e usou delas para firmar sua identidade indígena na Revolução Mexicana. A representatividade de Zapata gerou um novo momento aos indígenas encaminhando-os ao surgimento do EZLN.

O cenário político ao surgimento do EZLN é de constante mudança e conflitos econômicos, diversos movimentos estudantis, sindicais já estavam presentes durante o governo do PRI, esses movimentos demonstravam o descontentamento às práticas do governo que continuavam a ignorar a demanda da população.

Em Chiapas através de uma pobreza dolorosa, surgia de forma cautelosa o EZLN que tinha como principal objetivo lutar por um México livre para todos. Em 1994 esse grupo surpreende ao mundo com os rostos cobertos e armas nas mãos sob o lema “Ya basta!” que pedia pelo fim das perseguições indígenas.

A representatividade do EZLN na construção da identidade indígena é consolidada por diferentes fatores, o movimento representou o fim do silenciamento de caráter colonial, e colocou os indígenas como seres transformadores do tempo presente. Suas práticas não desconsideravam a identidade indígena do passado, pelo contrário, usavam de 500 anos de perseguição para pedir por um Estado que atendesse sua demanda.

Buscando responder as duas perguntas iniciais deste trabalho, como o EZLN influenciou na construção da identidade indígena na contemporaneidade? E quais às práticas estabelecidas por esse levante indígena para representar uma mudança considerável no México contemporâneo?

Respondo que o EZLN não somente influenciou na modificação da identidade indígena, mas como a consolidou na contemporaneidade a partir de suas práticas de luta armada, estratégia e autonomia de territorial, uma identidade livre e com autonomia para lutar por direitos indígenas e pela Pátria.

Esse momento representa uma transformação social que reconhece os indígenas como cidadãos mexicanos e com o apoio de grande parte da Sociedade Civil que até o presente momento não obtinham a percepção das condições indígenas.

O EZLN representa nos dias atuais um movimento do passado, do presente e do futuro, e suas lutas continuam com o objetivo de manter a identidade viva de povos que sofreram durante séculos ao desenvolvimento do México. O grito “Ya basta!” representa o fim de uma identidade silenciada e permite com que esses povos sejam livres no tempo presente.

REFERÊNCIAS

- BATALLA, Guillermo Bonfil. **México profundo: una civilización negada**. México: Grijalbo. 1990.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CORTÉS, Hernán. **A conquista do México**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- CRUZ, Júlia de Melo Azevedo. **O repertório de confronto do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)**. In: II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. São Paulo. 2016.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem da modernidade**. Conferência de Frankfurt. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1993.
- EZLN 1994-2004 Comunicados. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acesso em 2 de fev. 2019
- FONSECA, André Dioneu. **Identidade, prática e representação: reflexões sobre a contribuição da Nova História Cultural ao estudo do movimento pentecostal**. Dossiê de Estudos de Gênero. Mato Grosso do Sul. 2010.
- Gobierno Federal e EZLN 1996 **Acuerdos sobre Derechos y Cultura Indígenas, Documento 1**. Pronunciamento conjunto que o governo federal e o EZLN enviaram às instâncias de debate e decisão nacional, 16 de fevereiro. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acesso 01 de agos. 2019.
- GOHN, Maria da Gloria. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo. 1997.
- INFANTE, Ana Julia Marques. **O Zapatismo na perspectiva analítica de longa duração**. Florianópolis. 2018,
- JUNIOR, José Gaspar Bisco. **Guerrilha em foco: a presença na mídia do discurso Zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva Lacandona**. Juiz de Fora. 2007.
- LISBOA, Armando de Melo. **Fair trade, 30 anos: um sonho desfeito?**. P2P & INOVAÇÃO. Disponível em: <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/2336>. Acesso em 14 de mai. 2019.
- MILLÁN, M. **Las zapatistas de fin del milenio. Hacia políticas de autorepresentación de las mujeres indígenas**, Revista Chiapas n. 3, México: ERA, 1996. Disponível em: . Acesso 31 de jul. 2019.
- MORAES, Felipe Machado. **A Palavra Zapatista: Uma revolução mediática como estratégia de comunicação e emancipação social**. 2006. *O Cabo dos Trabalhos: Revista Eletrônica do Programa de Doutorado Pós- Colonialismos e Cidadania*

Global, Nº 2, 2007. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n2/ensaios.php>. Acesso em 06 de agos. 2019

MORAIS, Marcus Vinícius. **Hernán Cortés: A memória do conquistador**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo. 2011.

NASCIMENTO, Priscila da Silva Nascimento. **Mulheres Zapatistas: poderes e saberes. Uma análise das reivindicações das mulheres indígenas mexicanas na luta por seus direitos** – anos 1990. Marília. 2012

OLIVATO, Laís. Insurgência impressa: **Uma análise do periodismo no primeiro movimento de independência mexicano (1810-1814)**. São Paulo. 2012.

ORNELAS, Raúl. **A autonomia como eixo da resistência zapatista do levante armado ao nascimento dos Caracoles**. São Paulo. 2005

ORTIZ, Pedro. Entrevista: Subcomandante Marcos. O líder zapatista fala com exclusividade sobre o futuro do México e seu movimento. **Revista Atenção**. Ano 2. Nº 8. São Paulo. 1996.

RAMPINELLI, Waldir José. **A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com povos originários**. Revista Espaço Acadêmico. Nº 126. 2011.

SILVA, Geralda Mendes Pereira. **Entre a cruz e a espada: Relações de poder na Segunda Carta de Hernan Cortez e na Carta de Pero Vaz de Caminha**. João Pessoa. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000

VELASQUEZ TRAIPE, Cristina. **Las mujeres hablan, actúan y transforman: Mujeres de Chiapas y su lucha por la paz, la justicia y la dignidade**. 2009. Disponível em: . http://observatori.org/documents/dones_chiapas_cas.pdf Acesso em: 2 jun 2019.

VILLORO, Luis. **Historia general de México**. Obra preparada por el Centro de Estudios Históricos. México. 2000.

ANEXO

ANEXO I

PRIMEIRA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA (EZLN. AÑO DE 1993)

HOY DECIMOS ¡BASTA!

Al pueblo de México.

Hermanos mexicanos:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos.

Pero nosotros HOY DECIMOS ¡BASTA!, somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad, los desposeídos somos millones y llamamos a todos nuestros hermanos a que se sumen a este llamado como el único camino para no morir de hambre ante la ambición insaciable de una dictadura de más de 70 años encabezada por una camarilla de traidores que representan a los grupos más conservadores y vendepatrias. Son los mismos que se opusieron a Hidalgo y a Morelos, los que traicionaron a Vicente Guerrero, son los mismos que vendieron más de la mitad de nuestro suelo al extranjero invasor, son los mismos

que trajeron un príncipe europeo a gobernarnos, son los mismos que formaron la dictadura de los científicos porfiristas, son los mismos que se opusieron a la Expropiación Petrolera, son los mismos que masacraron a los trabajadores ferrocarrileros en 1958 y a los estudiantes en 1968, son los mismos que hoy nos quitan todo, absolutamente todo.

Para evitarlo y como nuestra última esperanza, después de haber intentado todo por poner en práctica la legalidad basada en nuestra Carta Magna, recurrimos a ella, nuestra Constitución, para aplicar el Artículo 39 Constitucional que a la letra dice:

«La soberanía nacional reside esencial y originariamente en el pueblo. Todo el poder público dimana del pueblo y se instituye para beneficio de éste. El pueblo tiene, en todo tiempo, el inalienable derecho de alterar o modificar la forma de su gobierno.»

Por tanto, en apego a nuestra Constitución, emitimos la presente al ejército federal mexicano, pilar básico de la dictadura que padecemos, monopolizada por el partido en el poder y encabezada por el ejecutivo federal que hoy detenta su jefe máximo e ilegítimo, Carlos Salinas de Gortari.

Conforme a esta Declaración de guerra pedimos a los otros Poderes de la Nación se aboquen a restaurar la legalidad y la estabilidad de la Nación deponiendo al dictador. También pedimos a los organismos Internacionales y a la Cruz Roja Internacional que vigilen y regulen los combates que nuestras fuerzas libran protegiendo a la población civil, pues nosotros declaramos ahora y siempre que estamos sujetos a lo estipulado por la Leyes sobre la Guerra de la Convención de Ginebra, formando el EZLN como fuerza beligerante de nuestra lucha de liberación. Tenemos al pueblo mexicano de nuestra parte, tenemos Patria y la Bandera tricolor es amada y respetada por los combatientes INSURGENTES, utilizamos los colores rojo y negro en nuestro uniforme, símbolos del pueblo trabajador en sus luchas de huelga, nuestra bandera lleva las letras «EZLN», EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL, y con ella iremos a los combates siempre.

Rechazamos de antemano cualquier intento de desvirtuar la justa causa de nuestra lucha acusándola de narcotráfico, narcoguerrilla, bandidaje u otro calificativo que puedan usar nuestros enemigos. Nuestra lucha se apega al derecho constitucional y es abanderada por la justicia y la igualdad.

Por lo tanto, y conforme a esta Declaración de guerra, damos a nuestras fuerzas militares del Ejército Zapatista de Liberación Nacional las siguientes órdenes:

Primero. Avanzar hacia la capital del país venciendo al ejército federal mexicano, protegiendo en su avance liberador a la población civil y permitiendo a los pueblos liberados elegir, libre y democráticamente, a sus propias autoridades administrativas.

Segundo. Respetar la vida de los prisioneros y entregar a los heridos a la Cruz Roja Internacional para su atención médica.

Tercero. Iniciar juicios sumarios contra los soldados del ejército federal mexicano y la policía política que hayan recibido cursos y que hayan sido asesorados, entrenados, o pagados por extranjeros, sea dentro de nuestra nación o fuera de ella, acusados de traición a la Patria, y contra todos aquellos que repriman y maltraten a la población civil y roben o atenten contra los bienes del pueblo.

Cuarto. Formar nuevas filas con todos aquellos mexicanos que manifiesten sumarse a nuestra justa lucha, incluidos aquellos que, siendo soldados enemigos, se entreguen sin combatir a nuestras fuerzas y juren responder a las órdenes de esta Comandancia General del EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL.

Quinto. Pedir la rendición incondicional de los cuarteles enemigos antes de entablar los combates.

Sexto. Suspender el saqueo de nuestras riquezas naturales en los lugares controlados por el EZLN.

PUEBLO DE MÉXICO: Nosotros, hombres y mujeres íntegros y libres, estamos conscientes de que la guerra que declaramos es una medida última pero justa. Los dictadores están aplicando una guerra genocida no declarada contra nuestros pueblos desde hace muchos años, por lo que pedimos tu participación decidida apoyando este plan del pueblo mexicano que lucha por trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz. Declaramos que no dejaremos de pelear hasta lograr el cumplimiento de estas demandas básicas de nuestro pueblo formando un gobierno de nuestro país libre y democrático.

ANEXO II

¡Ya Basta!

Na selva os tempos são outros. Movem-se de acordo com a visão maia. Mas a espera é a mesma na aldeia indígena de La Realidad. E o subcomandante Marcos não costuma dar entrevistas. É preciso esperar. Depois de várias viagens para o México e muitas tentativas, o principal líder dos zapatistas vem em pessoa, no meio da noite, avisar que falará no dia seguinte. Somos cinco: um brasileiro, dois colombianos, um turco e um francês. No dia seguinte, Marcos chega com seu cachimbo, um fuzil AR-15 e, no peito, um broche com o brasão mexicano. O gorro passa-montanhas que oculta sua identidade está gasto e mostra a barba, parte do rosto muito branco e olhos claros que arrebatam corações. Nos pulsos, dois relógios. Um marca a hora oficial mexicana, o outro, a hora «Sur-Oriental», exclusiva dos zapatistas. Duas semanas antes, eles receberam milhares de visitantes, de cinco continentes, para uma «reunião intergaláctica», como ficou conhecido o Primeiro Encontro contra o Neoliberalismo e pela Humanidade. Agora, mais à vontade, e embaixo de uma ceiba – árvore sagrada dos maias –, Marcos conta da origem do zapatismo, das negociações de paz com o governo mexicano e das propostas para o futuro. Entre elas, a construção de uma nova Internacional que reúna os movimentos rebeldes do mundo todo.

Como se formou o Exército Zapatista de Libertação Nacional?

O EZLN tem duas raízes: um grupo político-militar urbano e uma organização indígena. O grupo urbano era pequeno, de orientação marxista-leninista, formado por gente de classe média que viu fechar suas alternativas políticas pelo monopólio do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Era uma organização clandestina que procurava crescer com trabalho político, sabendo que um dia iria aderir à luta armada. Como precisava de um lugar para se preparar militarmente, entrou em contato com indígenas de Chiapas que também haviam concluído que se esgotara a via pacífica. Da convergência de interesses surgiu o EZLN, em novembro de 1983.

É possível definir o zapatismo?

O zapatismo não é uma nova doutrina ou ideologia, nem uma bandeira que substitua o comunismo, o capitalismo ou a social-democracia. Nem chega a ter corpo teórico acabado. Somos escorregadios para definições. Escapamos dos esquemas. O zapatismo é um sintoma do que está ocorrendo no mundo, algo maior e mais geral que, em cada continente aparece de uma forma. Em cada lugar essa rebeldia apresenta formas e reivindicações próprias. Por isso dizemos que as rebeliões pelo mundo afora têm muito do zapatismo.

Como vocês obtiveram armas? Houve apoio de outras guerrilhas?

Quando iniciamos nossa prepara-

«Nós zapatistas nos vemos como um sintoma de algo maior e mais geral que está acontecendo em todos os continentes, onde muitos dizem, ou gostariam de dizer ‘¡Ya Basta!’»

ção, outros movimentos da América Latina achavam a revolução possível em qualquer lugar, menos no México. E ninguém estava disposto a apoiar uma guerrilha destinada ao fracasso. Disseram de tudo, que éramos provocadores, agentes da CIA, que arruinávamos o «santuário» de solidariedade representado pelo México, para outros movimentos armados. Quando o EZLN surgiu publicamente, em primeiro de janeiro de 1994, era um exército pobre, com pouco armamento. Conseguimos a maioria das armas naquela madrugada, quando ocupamos algumas cidades de Chiapas e «limpamos» as «guardias blancas», grupos paramilitares de fazendeiros que comemoravam o Ano Novo se embriagando. Dali saiu nosso armamento principal. Não recebemos armas nem treinamento de nenhum outro grupo.

Como foi a decisão de realizar a primeira ofensiva militar?

Da convivência e dos choques culturais entre o grupo urbano e o indígena, prevaleceu a organização das comunidades. As populações índias sofriam crescente pressão dos grupos paramilitares de fazendeiros, expulsões de terras e assassinatos. Como o EZLN pertence às comunidades, decidimos lutar com eles. Estávamos no início de 1993. Argumentava-se que não havia condições materiais, contexto nacional ou internacional favorável. O campo socialista caíra, as guerrilhas latino-americanas estavam derrotadas ou em refluxo. Teríamos que enfrentar o governo do ex-presidente



O AUTOR

Pedro Ortiz é jornalista da agência cooperativa de notícias Acopi. É pós-graduando do Programa de Integração da América Latina (USP) e produziu o documentário *100 Canicas – Chiapas entre tormenta y paz*, a ser lançado brevemente.

Participaram Hollman Felipe Morris e Nicolás Galeano, da Colômbia, Jean-Yves Ubach, da França, e Aziz Akyvas, da Turquia.

D

DOSSIE ATENÇÃO

rização do país são respostas à deterioração das condições de vida, estreitamento da via política, corrupção e ineficácia do governo nas questões sociais. Os zapatistas já alertaram para esse quadro de instabilidade. A desestabilização da vida política não tem origem no levante zapatista de 1994. Não fomos nós que assassinamos um candidato a presidente da República, muito menos provocamos a crise econômica. Mas o surgimento do EPR é possível porque houve a rebelião zapatista. Se o EPR tivesse aparecido naquela época, talvez ninguém lhe desse importância. Suas ações militares são inteligentes e bem planejadas, com certeza, mas ainda não demonstraram ampla base social. Quem lhes atribui status de força beligerante é o próprio presidente Ernesto Zedillo, mas me parece que ainda têm que conquistar legitimidade como grupo.

Mesmo assim, a reação do governo tem sido de repressão ao EPR, temendo que possa se espalhar.

Há deslocamento de tropas nos lugares onde o EPR tem atividade. Ao mesmo tempo, o governo reforça a presença militar em Chiapas, onde o EZLN atua. Há meses não disparamos um tiro. Estamos em processo de diálogo. Só que, a cada ação do EPR, os militares aumentam a pressão sobre os zapatistas. Isso, porque representamos ameaça real, temos capacidade de mobilização, apoio popular e já demonstramos que podemos mobilizar grande número de combatentes e ocupar cidades. Mas, se no combate às ações do EPR, ou para justificar os investimentos que está fazendo nas Forças Armadas, o governo continuar a militarização do país, isso ameaçará não só as negociações de paz, mas qualquer saída pacífica para os graves problemas que os mexicanos enfrentam.

O que os zapatistas têm em comum com o discurso e as práticas da esquerda latino-americana e das guerrilhas do continente?

O mais importante é que retomamos a convicção de toda essa gente que foi guerrilheira na América Latina, que lutou contra as adversidades e não abandonou princípios. Falo dos que foram honestos. Retomamos também a ação desinteressada em benefícios pessoais, que animava aqueles combatentes.

E em que os zapatistas são diferentes das experiências guerrilheiras?

Em primeiro lugar, nos distanciamos da tomada do poder. Nosso objetivo é abrir espaços de luta para toda a sociedade. Lutamos para que as soluções não sejam excludentes, mas toleran-



tes. Não pretendemos ser donos da verdade nem ter a última palavra. Aceitamos que há outras idéias e que o futuro pode ser construído com participação. Nisso nos diferenciamos radicalmente dos grupos dogmáticos.

«Não enfrentaremos outras forças sociais, políticas ou militares que lutam pelas mesmas mudanças, apenas para disputar a vanguarda ou hegemonia do conflito.»

De onde vem a inspiração para essas idéias?

Tem a ver com a visão de mundo das comunidades indígenas e sua influência sobre o zapatismo. Nossa aparente loucura em dizer que não pretendemos tomar o poder, mas queremos algo mais «simples», mudar o mundo, é que leva, agora, à criação da Frente Zapatista, uma força política desarmada que tampouco reivindica o poder, para ver que efeito terá na prática política mexicana.

Com essa proposta de se levantar em armas, sem perseguir o poder, não seria o EZLN a primeira guerrilha pós-moderna?

Nem moderna nem pós-moderna. O que acontece é que a história não acabou mas mudou, e não necessariamente para pior. Estou certo que em um mundo anterior ao que vivemos, se houvesse algo como o levante zapatista, terminaria em matança e ninguém diria nada. Ou quase nada. Ou aplaudiriam a ação do governo. Quando descemos das montanhas, em 1994, estávamos num mundo diferente, infinitamente melhor que aquele de 1983, quan-

do caímos na clandestinidade e iniciamos nossa preparação na selva de Chiapas. A capacidade de reconhecer que as coisas mudam e que é necessário fazer algo novo, apareceu quando reconhecemos a realidade das comunidades indígenas.

Ao contrário das guerrilhas tradicionais, que reivindicam o papel de vanguarda...

O EZLN original, mais próximo das guerrilhas tradicionais, teve que renunciar ao papel de vanguarda e ceder o poder de decisão às comunidades que formam sua base. Acontece que as organizações revolucionárias da América Latina surgiram num momento histórico em que eram alternativa, lutaram como sabiam. Agora é necessário buscar outra opção para mudar o mundo, mais ampla, tolerante e não-excludente, que inclua novas formas de luta e, sobretudo, a voz de muitos mais, mesmo daqueles que não são catalogados como revolucionários pelos manuais de política. Ser revolucionário, aliás, é uma categoria flexível, que não significa ser bom. Pode haver gente boa que não é revolucionária e que deverá participar da construção de um futuro melhor.

Por que os zapatistas despertam simpatia, mobilizando solidariedade internacional?

Nós nos vemos como sintoma de algo maior que está acontecendo no mundo, onde muitos dizem, ou gostariam de dizer «¡Ya Basta!». Antes não se escutava, porque o poder mundial construiu um mundo paralelo, fictício, onde se aceita que tudo anda bem, mas não é verdade. Embaixo desse universo virtual existe o belo «vício» do ser humano, de sempre querer melhorar e mudar, de não conformar-se. E então apareceu uma fâcsa nas montanhas mexicanas, na qual os rebeldes do mundo todo podem se reconhecer, mesmo sem serem índios. É como um espelho que ajuda a reconhecer e dizer: existimos.

O que é a Internacional da Esperança que os zapatistas propõem construir com os participantes do Encontro Intercontinental?

Propomos e iniciamos uma rede mundial para que as idéias que motivaram o Encontro Intercontinental sejam discutidas como produto do intercâmbio de experiência dos que acreditam em mudanças positivas para o mundo. Propomos a criação de duas redes, uma de resistência e a outra de comunicação, para nos manter informados sobre as lutas dos povos de todo o mundo e para coordenar ações de solidariedade e resistência em escala planetária. Queremos que essas redes sejam uma ponte entre nossos encontros.

Em meio a uma Babel de línguas e propostas, da diversidade humana que participou do Primeiro Encontro Intercontinental, o que identifica os «intergaláticos» (como foram apelidados os participantes)?

O que identifica os participantes e os que não vieram, mas simpatizam com o zapatismo, é o grito de «¡Ya Basta!». Já não aceitamos este mundo, queremos outro e que seja melhor. Um mundo melhor significa poder ser diferente. Um mundo onde todos os mundos caibam, onde cada um possa ser feliz e que isso não implique na infelicidade do outro. Esperamos que o próximo encontro, no ano que vem, em algum lugar da Europa, seja preparado por diversas forças, intercontinentalmente. Pensamos que a proposta de construir a Internacional da Esperança é produto da participação de rebeldes do mundo todo, não apenas dos zapatistas do México. Felizmente, tivemos capacidade de convocar tanta gente, que respondeu ao chamado e veio participar.

A proposta zapatista de mundo novo parece utopia.

É uma utopia, uma loucura sim, mas eu explico dessa maneira: quanto vale a vida de um homem, em quanto cada um avalia sua própria vida, a troco de que está disposto a mudá-la? Nós zapatistas avaliamos muito alto o preço de nossas vidas. Valem um mundo melhor, nada menos. Homens e mulheres zapatistas, dis-

postos a dar suas vidas, têm direito a pedir tanto quanto valem. Há os que avaliam suas vidas por uma quantidade de dinheiro, mas os zapatistas avaliam pelo mundo, esse é o custo do seu sangue. Até conseguirmos esse mundo novo, não vamos desistir. Aqui estaremos, incomodando e fazendo encontros, lutando, escrevendo comunicados, até que nos matem ou alcancemos o mundo que queremos, onde caibam os zapatistas mas também os outros, quem quer que sejam os outros.

«Já não aceitamos este mundo, queremos outro melhor, onde cada um possa ser feliz e que isso não implique na infelicidade do outro.»

Ainda é possível sonhar coletivamente, como fazem os povos indígenas?

Sim, veja a irreverência dos zapatistas ao dizer que estamos sonhando. Aliás, o mundo já se deu conta de quantos milhões de sonhadores somos. Dizem que somos românticos, que não sabemos valorizar os pequenos passos para o poder. Acontece que não nos interessa o poder. Não nos interessa ter um cargo aqui, outro ali. Sabemos que não estamos sozinhos no sonho, que o dividimos com muita gente e, além disso, não o inventamos nem o descobrimos. Simplesmente batemos à porta e dissemos, aí está o sonho, lembrem-se? O zapatismo é como um aviso, uma lembrança, um espelho para que os outros se vejam. Essa é nossa visão, aqui dentro do gorro passa-montanhas. Do lado de fora, podem nos ver de muitas maneiras. O fato é que ainda há um sonho compartilhado por muita gente. Por isso fizemos o Encontro Intercontinental aqui em Chiapas.

O EZLN se dissolveria para atuar como Frente Zapatista?

A transformação do EZLN segue dois caminhos. No primeiro está a construção da Frente Zapatista, alternativa não só das comunidades indígenas mas dos simpatizantes das cidades. É uma estrutura que já está organizada em 31 dos 32 estados mexicanos. O aspecto principal que a FZ herda do EZLN é que não se deve lutar pelo poder, nem aspirar a cargos públicos. O outro caminho é o que defendemos no diálogo com o governo. Que os zapatistas possam optar pela via política para buscar suas reivindicações. Aí é mais complicado, pois nos deparamos com o duplo discurso do governo, que reitera o compromisso com a saída pacífica e aumenta a pressão militar, pondo em risco nosso processo de conversão em força política.

O que acontecerá se a paz for assinada?

O Exército Zapatista de Libertação Nacional terá que se manter por um tempo, como garantia de que o acordo se cumprirá. Depois, solucionadas as questões fundamentais, o EZLN terá que desaparecer, porque nasceu para que as comunidades indígenas tivessem voz. Quando isso se resolver, deixará de existir como exército, o que não será difícil, porque está formado pelas comunidades em armas. Se deixam as armas, voltam a ser civis, como o foram a vida toda.

Nesse caso, qual será o futuro de Marcos? Retirar o gorro passa-montanhas e abandonar a selva?

O caso de Marcos é mais complexo. Da mesma forma com que chama atenção da mídia internacional, Marcos concentra a atenção das miras telescópicas dos fuzis inimigos. O desafio que os zapatistas impõem ao governo mexicano, simbolizado pela figura de Marcos, não será perdoado pelo poder. Por onde vá, Marcos será perseguido, com ou sem passa-montanhas.

Então Marcos não terá paz? O governo do México nunca perdoará a ousadia das comunidades indígenas zapatistas?

Nosso desafio foi grande, tocou o centro do poder. Aliás, com a repercussão que os zapatistas tiveram, não só o poder mexicano nos detesta. EUA, Europa e Japão não estão nem um pouco contentes. Assim, é certo que a conta será cobrada. Como não é possível cobrar das comunidades indígenas, porque seria genocídio, então Marcos terá que pagá-la. Por isso, nunca terá paz, aconteça o que acontecer. Mesmo que se assine a paz, eu não venderia seguro de vida a Marcos. Não creio que possa regressar ao que chamamos vida normal.

Como vê o surgimento de outros grupos armados no México, como o Exército Popular Revolucionário?

O surgimento de outros grupos e a milita-





rização do país são respostas à deterioração das condições de vida, estreitamento da via política, corrupção e ineficácia do governo nas questões sociais. Os zapatistas já alertaram para esse quadro de instabilidade. A desestabilização da vida política não tem origem no levante zapatista de 1994. Não fomos nós que assassinamos um candidato a presidente da República, muito menos provocamos a crise econômica. Mas o surgimento do EPR é possível porque houve a rebelião zapatista. Se o EPR tivesse aparecido naquela época, talvez ninguém lhe desse importância. Suas ações militares são inteligentes e bem planejadas, com certeza, mas ainda não demonstraram ampla base social. Quem lhes atribui status de força beligerante é o próprio presidente Ernesto Zedillo, mas me parece que ainda têm que conquistar legitimidade como grupo.

Mesmo assim, a reação do governo tem sido de repressão ao EPR, temendo que possa se espalhar.

Há deslocamento de tropas nos lugares onde o EPR tem atividade. Ao mesmo tempo, o governo reforça a presença militar em Chiapas, onde o EZLN atua. Há meses não disparamos um tiro. Estamos em processo de diálogo. Só que, a cada ação do EPR, os militares aumentam a pressão sobre os zapatistas. Isso, porque representamos ameaça real, temos capacidade de mobilização, apoio popular e já demonstramos que podemos mobilizar grande número de combatentes e ocupar cidades. Mas, se no combate às ações do EPR, ou para justificar os investimentos que está fazendo nas Forças Armadas, o governo continuar a militarização do país, isso ameaçará não só as negociações de paz, mas qualquer saída pacífica para os graves problemas que os mexicanos enfrentam.

O que os zapatistas têm em comum com o discurso e as práticas da esquerda latino-americana e das guerrilhas do continente?

O mais importante é que retomamos a convivência de toda essa gente que foi guerrilheira na América Latina, que lutou contra as adversidades e não abandonou princípios. Falo dos que foram honestos. Retomamos também a ação desinteressada em benefícios pessoais, que animava aqueles combatentes.

E em quê os zapatistas são diferentes das experiências guerrilheiras?

Em primeiro lugar, nos distanciamos da tomada do poder. Nosso objetivo é abrir espaços de luta para toda a sociedade. Lutamos para que as soluções não sejam excludentes, mas toleran-



tes. Não pretendemos ser donos da verdade nem ter a última palavra. Aceitamos que há outras idéias e que o futuro pode ser construído com participação. Nisso nos diferenciamos radicalmente dos grupos dogmáticos.

«Não enfrentamos outras forças sociais, políticas ou militares que lutam pelas mesmas mudanças, apenas para disputar a vanguarda ou hegemonia do conflito.»

De onde vem a inspiração para essas idéias?

Tem a ver com a visão de mundo das comunidades indígenas e sua influência sobre o zapatismo. Nossa aparente loucura em dizer que não pretendemos tomar o poder, mas queremos algo mais «simples», mudar o mundo, é que leva, agora, à criação da Frente Zapatista, uma força política desarmada que tampouco reivindica o poder, para ver que efeito terá na prática política mexicana.

Com essa proposta de se levantar em armas, sem perseguir o poder, não seria o EZLN a primeira guerrilha pós-moderna?

Nem moderna nem pós-moderna. O que acontece é que a história não acabou mas mudou, e não necessariamente para pior. Estou certo que em um mundo anterior ao que vivemos, se houvesse algo como o levante zapatista, terminaria em matança e ninguém diria nada. Ou quase nada. Ou aplaudiriam a ação do governo. Quando descemos das montanhas, em 1994, estávamos num mundo diferente, infinitamente melhor que aquele de 1983, quan-

do caímos na clandestinidade e iniciamos nossa preparação na selva de Chiapas. A capacidade de reconhecer que as coisas mudam e que é necessário fazer algo novo, apareceu quando reconhecemos a realidade das comunidades indígenas.

Ao contrário das guerrilhas tradicionais, que reivindicam o papel de vanguarda...

O EZLN original, mais próximo das guerrilhas tradicionais, teve que renunciar ao papel de vanguarda e ceder o poder de decisão às comunidades que formam sua base. Acontece que as organizações revolucionárias da América Latina surgiram num momento histórico em que eram alternativa, lutaram como sabiam. Agora é necessário buscar outra opção para mudar o mundo, mais ampla, tolerante e não-excludente, que inclua novas formas de luta e, sobretudo, a voz de muitos mais, mesmo daqueles que não são catalogados como revolucionários pelos manuais de política. Ser revolucionário, aliás, é uma categoria flexível, que não significa ser bom. Pode haver gente boa que não é revolucionária e que deverá participar da construção de um futuro melhor.

Por que os zapatistas despertam simpatia, mobilizando solidariedade internacional?

Nós nos vemos como sintoma de algo maior que está acontecendo no mundo, onde muitos dizem, ou gostariam de dizer «¡Ya Basta!». Antes não se escutava, porque o poder mundial construiu um mundo paralelo, fictício, onde se aceita que tudo anda bem, mas não é verdade. Embaixo desse universo virtual existe o belo «vício» do ser humano, de sempre querer melhorar e mudar, de não conformar-se. E então apareceu uma fúscia nas montanhas mexicanas, na qual os rebeldes do mundo todo podem se reconhecer, mesmo sem serem índios. É como um espelho que ajuda a reconhecer e dizer: existimos.

O Manual do perfeito idiota latino-americano, escrito por três autores, um deles Alvaro Vargas Llosa, filho do escritor peruano, classifica os intelectuais que acreditam em mudanças sociais como idiotas. Você se considera idiota?

Os neoliberais tentam convencer que não vale a pena lutar por algo melhor, que cada um deve se preocupar consigo mesmo e que as coisas são como são. Esse cinismo castrante e estéril, que agora se publica em livro, é coerente com a lógica neoliberal, onde os que não aceitam serem valorizados pelo que compram, vendem ou pelos cartões de crédito que possuem, são considerados idiotas. Se esses «idiotas» fossem governo, o mundo seria menos idiota que agora, quando o poder está com os «inteligentes» que escrevem esses livros e justificam as arbitrariedades das leis do mercado. É essa gente que guarda silêncio nas ditaduras, ou as justifica, que diz que o mercado pode tudo. O renascer da esperança certamente enfrentará uma contra-ofensiva neoliberal cínica, conformista, que tenta transformar o crime em teoria política ou cultural.

É grande a participação das mulheres no EZLN, inclusive em postos de comando. Como é isso para os indígenas?

Nas comunidades indígenas as mulheres são marginalizadas, não podem estudar, não podem sair. Seu horizonte é o da comunidade, não visitam outras, não escolhem seus parceiros. Ainda hoje são compradas pelos homens, que oferecem presentes e dinheiro à família. No EZLN, as mulheres conquistaram direitos. Não todos, é verdade, mas direito ao estudo, a escolher seu companheiro e a ser oficial zapatista. São mulheres indígenas que descobrem outro mundo, porque podem aprender e, como oficiais, têm homens sob o seu comando.

E o que acontece quando essas mulheres retornam às comunidades, há choque cultural? Mais que choque, o retorno provoca efervescência entre as outras mulheres, que começam a se organizar e lutar por direitos. Como

o patriarcado é antigo entre nós, há resistência dos homens a essas mudanças. Inclusive no EZLN, onde a maioria é homem. Há choque entre o movimento de liberação das mulheres zapatistas e o resto dos companheiros, porque somos homens e nos comportamos como tal, com toda a cultura machista que trazemos. É interessante. O que defendemos é que nossos avanços sejam produto da luta das mulheres, não de algo que decretamos. Que as mulheres conquistem seu espaço e lhe deem a amplitude que elas mesmas estabelecerem.

Fora das comunidades indígenas, muitas mulheres têm simpatia pelos zapatistas. Será por causa de Marcos?

Realmente, chama atenção que a maioria dos que se aproximam do EZLN sejam mulheres e não creio é porque seamos lindos. É uma simpatia militante, comprometida. Acho que é porque, na sociedade mexicana, a mulher tem situação semelhante a dos índios. Talvez o «¡Ya Basta!» zapatista represente um espelho para as mulheres, que se reproduz na sua luta contra a discriminação.

Com tantas admiradoras que Marcos tem, qual o tipo de mulher que mais lhe agrada?

Toda mulher tem uma parte amável e uma detestável. Aquela que sabe mostrar seu lado amável e ocultar o detestável seria a ideal, mas não é o que costuma ocorrer [risos]. A mulher que cada um projeta para si, a que gostaria de ter, é um pouco como a loucura de Don Quixote. Que importa se minha Dulcinea é uma verdureira? O que importa é a imagem que eu construí dela, não importa o corpo ou cheiro que tenha. E dizem que ela cheirava a cebola... O que se busca é uma companheira e, acredite, para um guerrilheiro, encontrar uma é difícil. Digamos que não sou um bom partido.

Mas Marcos tornou-se símbolo sexual para as mulheres. Nas marchas de apoio a Chiapas, elas gritam «Marcos para todas».

Humm, não soa mal [risos]. O problema é que Marcos é um gorro passa-montanhas,



Juan Ramos Martínez/La Galerna

não tem nome, rosto, passado, ainda que o governo mexicano lhe dê nome e passado. Por isso, cada um pode pôr o rosto que quiser. As mulheres podem colocar o rosto, a história e o nome e transformá-lo no homem que procuram. Claro que no dia em que Marcos tirar o passa-montanhas haverá desilusão. Mas se alguém quer banalizar e fazer de Marcos um símbolo sexual, pode inventar-lhe a cara, não só para fins comerciais mas também para fins lúdicos, de prazer. Não há problema. Marcos está na selva de Lacandona e ninguém vai sentir ciúmes.

E quanto à superexposição de Marcos na mídia? Você aparece muito mais que as lideranças indígenas.

Foi um risco que tivemos de correr. Tem seu lado negativo, a banalização da imagem. Mas tem também um lado bom. Essa presença na mídia faz com que muitos jornalistas e observadores venham até aqui e se deem conta de que há outras coisas. Pelos meios de comunicação as pessoas se informam sobre o que acontece em Chiapas. Quanto ao preço da superexposição, não são os indígenas que pagam. É Marcos. E como Marcos não existe, não importa se falam bem ou mal dele. Que digam que é um símbolo sexual, que é narigudo, que vive fumando cachimbo e é estrela. Não importa, porque não existe. É algo que está presente e no momento seguinte não está. Quando se necessita dele, está presente e, quando não, o mandam dormir, desaparece. O divertido e interessante é que, por meio de Marcos e da janela que representa este passa-montanhas, as pessoas entrem e conheçam esse mundo. E também que os zapatistas possam projetar-se para fora e ver que o mundo é amplo, e que todos cabemos nele. —



Juan Ramos Martínez/La Galerna